



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUCINEIA SILVA DE ARRUDA

**TEMPOS DE PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DE
ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO NO MUNICÍPIO
DE AMARGOSA - BA**

AMARGOSA - BA

2022

LUCINEIA SILVA DE ARRUDA

**TEMPOS DE PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DE
ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO NO MUNICÍPIO
DE AMARGOSA - BA.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas

AMARGOSA - BA

2022

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

FOLHA DE APROVAÇÃO


LUCINEIA SILVA DE ARRUDA

**TEMPOS DE PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO
REMOTO NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA - BA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia,
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia, pela
seguinte banca examinadora.

Aprovado em 17 de Março de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Gilsélia Macedo Cardoso Freitas – Doutora - UFRB

Orientador (a)



Maria Aparecida da Silva Andrade – Doutora - UFRB

Avaliadora 01



Cândida Andrade de Moraes – Doutora - UFRB

Avaliadora 02

Amargosa, Março de 2022.

Dedico esta monografia primeiramente a DEUS, por que sem Ele nada seria possível, a minha mãe Ana Lucia por sempre incentivar-me, ao meu tio Elizeu que sempre me apoiou, a minha Vozinha que hoje está com DEUS, e aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Nesta etapa da vida o agradecimento é de uma forma diferente, é um pouco de angústia misturada com um excesso de felicidade, que se transforma na incerteza dos minutos que irão suceder a estes.

Diante de tanta incerteza, quero agradecer a Deus pelo dom da vida ao nascer e por cuidar de mim durante toda essa enfermidade que nos deparamos. Agradecer por sustentar-me psicologicamente, para que pudesse cuidar do meu semelhante neste período de enfermidades.

Agradecer a minha mãe, que mesmo sem concluir o ensino médio me incentivava a seguir em frente, a concluir um ensino superior, agradecer por toda educação na qual me ensinou, por ser um exemplo de mulher, mãe, guerreira. Agradecer a meu tio Elizeu que sempre me apoiou com palavras de incentivo e agradecer a mulher mais importante da minha vida, minha vizinha Maria José, (in memoriam) mais conhecida como ESPERANÇA, uma mulher que a vida lhe deu sabedorias que nenhuma universidade seria capaz de proporcionar, guerreira, coerente, honesta, sempre pensando no próximo, que trabalhou duro para criar seus filhos e netos, obrigado Vó por tudo, te amarei sempre.

Ingressar em uma Universidade Federal era um sonho que realizei, o curso de Pedagogia nunca foi a minha paixão, mas, era o que no momento poderia fazer por estar próxima de casa, por ser gratuito e por ter o apoio da minha família. Durante o curso me apaixonei por algumas disciplinas, outras nem tanto, encontrei professores encantadores que mudaram toda minha concepção da docência em si, que é prazeroso aprender e ensinar, que nem tudo tem que ser lousa, piloto, caderno e caneta, existe um universo de possibilidades, basta nos permitirmos olhar para elas. Porém, nem todos são iguais e como diz o velho ditado, a mudança vem com o tempo. Cabe apenas a nós escolher o caminho a seguir, e agradeço muito a todos os professores dos quais tive a honra de ser discente, sejam eles de forma positiva ou negativa.

Agradecer aos meus amigos: Mariângela, Rayssa, Edmeire, José Adriano, Jaqueline, Valdelice por me suportar, sei que sou uma pessoa difícil, com humor bem complicado, agradecer por fazer parte dessa etapa comigo, por me apoiarem, incentivarem e nunca desistirem de mim, a universidade me deu vocês, e quero seguir com esse laço de amizade até o fim de nossas vidas. Obrigado por tudo.

Agradeço a Danielle Rosa Cabral por fazer parte dessa trajetória, por estar presente nessa etapa da minha vida. Muito obrigada por tudo.

Agradecer ao professor Irenilson de Jesus Barbosa pelos ensinamentos e por fazer parte de uma longa trajetória da minha vida acadêmica.

Agradecer a professora Gilsélia Macedo Cardoso Freitas por ter aceitado ser minha orientadora em um curto período, com um tema que estamos vivenciando, porém com uma demanda de teórico muito escasso, obrigada pelos ensinamentos, pela confiança, e por ser essa professora maravilhosa, sem a senhora jamais teria chegado ao fim dessa etapa. Muito obrigada professora, por tudo.

Agradecer a professora Eurácia por todo apoio, por ser essa pessoa incrível, esse ser humano de luz, muito obrigada pelos ensinamentos.

Iniciei agradecendo a DEUS e terminarei agradecendo a Ele, por proporcionar todas essas experiências em minha vida, por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, por me sustentar de pé mesmo quando tudo me leva a cair. Obrigado DEUS.

O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é o oceano.

(Isaac Newton).

ARRUDA, Lucineia, Silva de. **Tempos de Pandemia: Estratégias de Alfabetização no Ensino Remoto no Município de Amargosa - BA.** Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Amargosa, 2022, 77Pg.

RESUMO

A presente monografia intitulada Tempos de Pandemia: Estratégias de Alfabetização no Ensino Remoto no Município de Amargosa-BA tem como objetivo analisar a docência no processo de alfabetização durante o ensino remoto no período pandêmico no município de Amargosa – BA, tendo como recorte as experiências de duas docentes alfabetizadoras nesse período pandêmico, assim como um recorte histórico de 2020 a 2021 sobre a pandemia. Constitui-se em um estudo de caso realizado com duas professoras alfabetizadoras atuantes no município de Amargosa-Ba. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada, assim como análise documental. A pesquisa procura compreender quais estratégias de ensino foram utilizadas pela docência no processo de alfabetização durante o ensino remoto no período pandêmico. A base teórica deste estudo se concentra nos autores, Rosa (2020), Frigotto (2021), Lima, Almeida e Kfourri (2021), Libâneo, (2006, 2012 e 2015), Soares, (1999 e 2006), Kramer (1986), Ferreiro (1985), Freire (1988 e 1996), assim como sites oficiais, que fazem uma reflexão acerca do período pandêmico, assim como o processo de ensino e aprendizagem no ensino remoto, além de contribuírem de forma significativa para a compreensão do processo de alfabetização perante as estratégias adotadas no período de ensino remoto, auxiliando assim no processo de fundamentação da pesquisa. Tendo como resultado que as estratégias utilizadas no ensino remoto perante os meios tecnológicos não conseguiram contemplar a todos e acabaram evidenciando a desigualdade social presente na sociedade.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino Remoto; Alfabetização.

ABSTRACT

The present monograph entitled *Times of Pandemic: Literacy Strategies in Remote Teaching in the Municipality of Amargosa-BA* aims to analyze teaching in the literacy process during remote teaching in the pandemic period in the municipality of Amargosa - BA, having as a cutout the experiences of two literacy teachers in this pandemic period, as well as a historical cut from 2020 to 2021 about the pandemic. It is a case study carried out with two literacy teachers working in the municipality of Amargosa-Ba. It is a qualitative research, having as instrument for data collection the semi-structured interview, as well as documental analysis. The research seeks to understand which teaching strategies were used by teachers in the literacy process during remote teaching in the pandemic period. The theoretical basis of this study focuses on the authors, Rosa (2020), Frigotto (2021), Lima, Almeida and Kfourri (2021), Libâneo, (2006, 2012 and 2015), Soares, (1999 and 2006), Kramer (1986)), Ferreiro (1985), Freire (1988 and 1996), as well as official websites, which reflect on the pandemic period, as well as the teaching and learning process in remote teaching, in addition to contributing significantly to the understanding of the literacy process in view of the strategies adopted in the remote teaching period. Thus assisting in the research grounding process. As a result, the strategies used in remote teaching in the face of technological means were not able to contemplate everyone and ended up showing social inequality before society.

Keywords: Pandemic, Remote Learning, Literacy.

LISTA DE SIGLAS

ABALf – Associação Brasileira de Alfabetização

CIEVs- Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde da Bahia

EaD- Ensino a Distância

ERE- Ensino Remoto Emergencial

ESPII- Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPTU- Imposto Predial e Territorial Urbano

LACEN- Laboratório Central de Saúde Pública

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MS- Ministério da Saúde

OMS- Organização Mundial da Saúde

OPAS- Organização Pan-Americana da Saúde

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE- Plano Nacional de Educação

PME- Plano Municipal de Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

SAMU- Serviço de Atendimento Móvel de Saúde

SESAB- Secretaria de Saúde do Estado da Bahia

UPAs- Unidade de Pronto Atendimento

UTI- Unidade de Tratamento Intensivo

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Gráfico 1 casos de Covid-19 por mês no Brasil

Figura 2: Gráfico 2 casos de Covid-19 por SE da notificação

Figura 3: Gráfico 3 óbitos por Covid-19 por data da notificação

Figura 4: Gráfico 4 média móvel de mortes no Brasil

Figura 5: Gráfico 5 novos casos confirmados por dia na Bahia

Figura 6: Gráfico 6 novos óbitos confirmados por dia na Bahia

Figura 7: imagem da cidade de Amargosa-BA

Figura 7: Boletim Epidemiológico em caráter emergencial da Covid-19 (29/12/2020)

Figura 8: Boletim Epidemiológico em caráter emergencial da Covid-19 (17/03/2021)

Figura 9: Imagem da cidade de Amargosa-BA

SUMÁRIO:

1.0 INTRODUÇÃO	13
2.0 PANDEMIA, DA ORIGEM DA PALAVRA À ORIGEM DO VÍRUS: ANTECEDENTES INTERNACIONAIS.	17
2.1 A PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL E SEUS CONTORNOS NO ESTADO DA BAHIA.....	19
2.2O VÍRUS CHEGA NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.....	25
2.3O VÍRUS CHEGA NA CIDADE JARDIM.....	31
3.0 A PANDEMIA NA EDUCAÇÃO: DO FECHAMENTO DA ESCOLA AO ENSINO REMOTO	35
3.1 COMPREENDER O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO PARA ENTENDER AS NECESSIDADES DA ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA.	40
4.0 METODOLOGIA	50
5.0 ANÁLISE DE DADOS	53
5.1 CENÁRIO	53
5.2AUTORAS / COLABORADORAS DA PESQUISA.....	60
5.3AÇÃO	61
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE:	75

1.0 INTRODUÇÃO

No Brasil, o ano que se iniciava era 2020 e tudo parecia normal, as pessoas se despedindo do ano que chegava ao fim e agradecendo pelo que se iniciava, mal sabíamos que não seria um ano comum, um ano próspero, um ano melhor do que o que se finalizava. De início, parecia que estava tudo seguindo como planejado, mas logo começaram os noticiários reportando que em uma cidade na China estava se proliferando um vírus ainda não identificado em seres humanos e até o momento sabia-se que causava Síndrome Respiratória Aguda, sem respostas ao tratamento, com um alto índice de contágio, levando a morte de várias pessoas. Infelizmente, a população possui um hábito que um ditado popular representa muito bem, “só fechamos a porta quando somos assaltados”, sendo assim, “se o vírus estava na China para que se preocupar? Vida que segue”, e assim foi até que a contaminação pelo vírus não estava apenas na China, mas se alastrava para países vizinhos, chegando ao Brasil em 26 de fevereiro de 2020, sendo confirmado o primeiro caso do vírus em nosso país ¹.

Em 11 de março de 2020 a OMS (Organização Mundial de Saúde) sinaliza a COVID-19 como pandemia, após o vírus se estabelecer em vários países do mundo. Tal “pandemia” iniciou-se na cidade de Wuhan na China, em 31 de dezembro de 2019 e difundiu-se de forma global causando pânico e um alto índice de mortalidade. E dessa forma o ano que parecia ser normal, tornou-se um ano não desejado por ninguém, onde as pessoas vivenciaram seus entes queridos adentrarem em UPAs, SAMU, Hospitais, UTIS e morrerem sem nem se quer dizer adeus, sem terem um enterro digno e assim o caos estava formado sem nenhuma esperança de quando tudo isso iria acabar. Muitas angústias ficaram explícitas no comportamento da sociedade em geral, sejam nas falas, hábitos e também no próprio cotidiano, com mudanças drásticas na rotina dos cidadãos, afetando não apenas a saúde em si, mas todas as esferas que mantêm o país, a esfera social, econômica e educacional, mediante o quadro e as instabilidades.

Devido ao trabalho como Técnica de Enfermagem foi possível vivenciar de perto todas essas angústias e aflições, não apenas dos pacientes em si, mas de todos os familiares, e com tudo isso, além de tentar viver com o vírus que crescia de forma avassaladora, era necessário manter uma estabilidade mental para que pudesse seguir em frente.

Durante esse período, vivenciei diversos relatos de professores, pais e alunos, onde falavam de como estava sendo difícil o seu dia a dia, em razão das medidas que os governantes tiveram que adotar para minimizar a contaminação pelo vírus, e dentre elas, o distanciamento social foi a mais difícil, pois somos seres educados para um convívio em coletivo e de uma hora

¹ Disponível em: <https://saude.abril.com.br>medicina>

para outra tudo mudou. Devido as medidas, as escolas foram fechadas e os professores tiveram que ministrar suas aulas através de meios tecnológicos, algo inovador e que nem todos tinham técnicas para o manuseio, da mesma maneira acontecia com os pais e alunos. Esses relatos foram fundamentais para que aguçasse em mim um interesse pelo tema, Tempos de Pandemia: Estratégias de Alfabetização durante o Ensino Remoto, mudando totalmente minha perspectiva anterior, sendo necessário refletir: Quais estratégias de ensino foram utilizadas pela docência no processo de alfabetização, durante o ensino remoto no período pandêmico, no município de Amargosa – BA?

No intuito de responder a esse questionamento, o presente estudo tem como objetivo geral: Analisar a docência no processo de alfabetização durante o ensino remoto no período pandêmico no município de Amargosa – BA, tendo como recorte as experiências dos docentes nesse período. De modo mais específico, pretende-se: i) Identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes no processo de alfabetização durante o ensino remoto ii) Analisar como essas estratégias de ensino foram aplicadas para contemplar todos (as) e quais dificuldades encontradas; iii) Entender como as metodologias utilizadas no ensino remoto podem contribuir com o retorno das aulas presenciais.

Observando o cenário em que estamos vivendo, esta temática foi escolhida por estar ligada diretamente a pandemia em si, pois atuo no município como Técnica de Enfermagem, uma profissão que teve um confronto direto com o contexto que foi se instaurando em todo o mundo e o nosso município não ficou de fora. Mediante a rotina dos plantões foi possível conviver com alguns desabafos de alunos, professores e até pais, sobre as suspensões das aulas presenciais e de como estava difícil se adaptar aos novos métodos de ensino, métodos esses que foram adotados como forma de amenizar os impactos da pandemia no ensino e aprendizagem das crianças e esses relatos fizeram com que eu desenvolvesse um questionamento sobre o que realmente queria pesquisar, fazendo com que mudasse completamente o contexto da minha pesquisa, pois amo trabalhar na saúde e conseguir desenvolver uma pesquisa que estivesse ligada aos dois universos no qual faço parte foi muito significativo e prazeroso, embora o cenário não nos traga alegria.

Pensando em uma dimensão social vejo essa temática como algo que vai muito além dos métodos adotados, e faz pensar, quem são os alunos? Pois embora os professores (as) se organizassem e se estruturassem para poder alfabetizar durante esse período de pandemia, os métodos tecnológicos os quais estavam sendo utilizados não contemplavam a todos devido a desigualdade social que o país possui, e as atividades impressas muitas vezes eram ineficazes devido alguns pais não serem alfabetizados, a pesquisa evidencia esses impactos sociais que

tomaram uma dimensão bastante significativa nesse período de pandemia, o que acarreta em um grande impacto social. Já em uma perspectiva acadêmica a pesquisa possui uma relevância importante, pois é algo que traz uma originalidade, em um contexto até o momento não presenciado pelo corpo docente, pois esta pesquisa traz uma contribuição para o Centro de Formação de Professores no sentido da alfabetização diante dessa perspectiva de pandemia, de como alfabetizar na pandemia, uma vez que a pesquisa corresponde ao período de dois anos, entretanto a pandemia permanece.

Em síntese, será feita uma discussão apresentando os conceitos e definições das categorias em evidência, dialogando com os autores que discutem teoricamente sobre o objeto dessa pesquisa, que são: ROSA (2020), FRIGOTTO (2021), LIMA, ALMEIDA e KFOURI (2021), LIBÂNEO (2006 e 2012), SOARES (1999 e 2006), KRAMER (1986), FERREIRO (1985), FREIRE (1988), assim como a pesquisa em sites oficiais.

Seguindo esta ótica, as discussões do presente estudo se fundamentam em propostas pertinentes da nossa atualidade, que auxiliaram na realização da pesquisa. Segue a metodologia de cunho exploratório com uma abordagem qualitativa, pois, segundo GIL (2008, p.27), a pesquisa exploratória “tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias”, o que possibilita o desenvolvimento dos objetivos dessa pesquisa, o autor refere-se que a pesquisa exploratória tem como intuito a relação entre o pesquisador e o sujeito, tornando-se mais íntimo, e familiarizando-se com o problema abordado. Foi feito um estudo de caso com professores (as) que atuam nos anos iniciais do ensino público da cidade de Amargosa-BA. É importante destacar que, por motivos de tempo, pois esta pesquisa foi desenvolvida em apenas quatro meses devido optar por mudar de tema, além das circunstâncias atuais, o estudo de caso foi realizado com apenas duas professoras atuantes no Município.

Ademais, o presente estudo está estruturado em seis capítulos: 1. Introdução, sendo este o primeiro capítulo, onde foi abordado o tema da pesquisa, assim como os objetivos geral e específicos, e apresenta a base teórica que fundamenta o objetivo desta pesquisa. O capítulo 2. Pandemia, da origem da palavra a origem do vírus: antecedentes internacionais, tendo como sub-tópicos: A pandemia do Covid-19 no Brasil e seus contornos no Estado da Bahia; O vírus chega na Bahia de Todos os Santos; O vírus chega na Cidade Jardim. Trata-se de como se deu o processo da pandemia no Brasil, assim como o processo de disseminação do vírus até a chegada na Cidade Jardim. No capítulo 3. A pandemia na Educação: do fechamento da escola ao ensino remoto, tendo como sub-tópicos: Compreender o conceito de Alfabetização para entender as necessidades da Alfabetização na Pandemia, neste capítulo foi abordado à pandemia no contexto escolar, o fechamento das escolas e as novas medidas adotadas para minimizar os impactos no

ensino e aprendizagem das crianças, são evidenciados os tipos de ensino como o EAD, ensino remoto e ensino híbrido, algo que ganhou destaque durante o período de pandemia, assim como o conceito de Alfabetização em um contexto fora do habitat formal. Tendo o capítulo 4. Metodologia; que trata de descrever quais os caminhos que foram tomados para realizar a pesquisa no intuito de responder o objetivo da mesma. No capítulo 5. Análises de dados, tem como sub-tópicos, Cenário, Atores e Ação, e traz a discussão e análise de dados através da entrevista semiestruturada com duas professoras alfabetizadoras do município de Amargosa - BA, assim como a análise documental do PME (2007-2017) e o censo escolar de 2021, com abordagens teóricas. No capítulo 6. Considerações finais, estarão as considerações finais, abordando os resultados obtidos. Com base nisso, foi realizado um levantamento bibliográfico para discutir e compreender o assunto desejado, que será apresentado no próximo capítulo.

Em suma, este estudo vislumbra provocar uma discussão sobre os processos de alfabetização durante a pandemia no Brasil, na Bahia e no Município de Amargosa, com vistas a problematizar como as crianças, filhos (as) das classes trabalhadoras enfrentaram esse momento pandêmico no seu processo de alfabetização, e como os professores (as) alfabetizadores (as) buscaram estratégias para realizarem seu trabalho.

2.0 PANDEMIA, DA ORIGEM DA PALAVRA À ORIGEM DO VÍRUS: ANTECEDENTES INTERNACIONAIS.

Neste capítulo serão abordados o conceito da palavra pandemia, assim como a origem do vírus SARS-CoV-2, nomeado como COVID-19, contará com as classificações que antecedem a pandemia, assim como os antecedentes internacionais declarado pela ESPII.

O conceito de Pandemia segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, um surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”. Assim, três etapas antecedem a pandemia em si, são elas: Surto, Endemia e Epidemia.

Surto é quando surge um crescimento de casos de uma patologia além do esperado, porém, concentrado em um lugar específico. A endemia é a crescente de uma patologia prevista, entretanto limitada a uma região. Enquanto a epidemia é a expansão da patologia para mais regiões, o que acaba desencadeando a pandemia.

A etimologia da palavra pandemia segundo o dicionário online de Português (2001)² em uma perspectiva da medicina “é uma “enfermidade epidêmica amplamente disseminada”. Já a origem da palavra “pandemia” tem sua origem no grego *pandemías, as*, que significa “todo o povo”, também representada pela junção dos elementos gregos: “pan” (todo, tudo) e “demos” (povo)”, o que nos remete a perspectiva que a medicina discorre, é necessário uma disseminação com todo o povo ou uma maioria para ser considerada uma pandemia, vale ressaltar que o termo pandemia refere-se a expansão geográfica da “doença” e não a sua gravidade.

Em dezembro do ano de 2019 se iniciava um surto de Pneumonia na cidade de Wuhan na China, tal pneumonia identificada temporariamente de 2019-nCoV desencadeou uma Epidemia na Ásia e em 11 de fevereiro recebeu o nome de SARS CoV-2, vírus, esse que se propagou de forma rápida ao nível global, um vírus que ainda não foi encontrado em seres humanos até a presente data. O vírus causava insuficiência respiratória aguda grave, com um alto índice de contágio, a qual foi nomeada por COVID-19.

A disseminação da COVID-19 teve início em dezembro de 2019, porém eram casos restritos a China, conforme dito anteriormente, o que se caracterizava como um surto, que em pouco tempo já tinha se instalado na Ásia e de forma rápida em meados do mês de janeiro do ano que se iniciava (2020) na Europa, Itália e França, assim como nos Estados Unidos os primeiros casos do vírus SARS-CoV-2 foram surgindo. A partir do dia 30 de janeiro quando foi declarada

²Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/ensino-presencial/>

a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional(ESPII) pela OMS, iniciava-se uma nova era.

A etimologia do nome COVID-19 segundo o dicionário online de português, é “a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus", sendo que o número 19 está ligado ao respectivo ano de início, 2019, quando surgiram os primeiros casos da doença. O primeiro caso oficial da covid-19 em dezembro de 2019, foi vinculado ao mercado de frutos do mar de Huanan, em Wuhan, local que também é conhecido por comercializar algumas espécies de animais, e em meio a várias especulações de que o vírus foi adquirido através do morcego, o Ministério da Saúde explica que:

Os coronavírus é uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. (BRASIL, 2021).

Iniciando-se assim, o trabalho da OMS juntamente com especialistas globais na busca por respostas para controlar o vírus, tendo atenção da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) com apoio técnico para manter o sistema de vigilância em alerta.

Muitos questionamentos foram surgindo e poucas respostas eram dadas pelos órgãos competentes, o vírus se propagava rapidamente assim como o trabalho árduo dos especialistas se intensificava na busca de uma solução para contê-lo. O que se sabia era que o vírus podia ser contraído através de gotículas e contato direto entre pessoas, que afetava os indivíduos de diferentes maneiras, tendo sintomas leves, moderados e graves, e os sintomas mais comuns eram: febre; tosse; dispneia; perda de paladar ou olfato e os menos comuns: dores de garganta, cefaleia, diarreia entre outros.

Em 30 de Janeiro, foi declarado pela OMS o estado de Emergência de Saúde Pública com Importância Internacional (ESPII), salientando que em toda história é a sexta vez que a ESPII é declarada como uma emergência a nível internacional. Os antecedentes a SARS-CoV-2 foram: H1N1 em 25 de abril de 2009; disseminação internacional de Poliovírus em 5 de maio de 2014; surto do Ebola na África Ocidental em 8 de agosto de 2014; vírus Zica e aumento de casos de microcefalia em 1 de fevereiro de 2016 e o surto do Ebola na República Democrática do Congo em 18 de maio de 2018.

Em 11 de março de 2020, a OMS sinaliza a COVID-19 como pandemia, após o vírus se estabelecer em vários países do mundo e difundir-se de forma global rapidamente, causando pânico e um alto índice de mortalidade. Em uma escala global possuía até o dia catorze de novembro de dois mil e vinte um, o quantitativo de 253.870.057 pessoas contaminadas pelo vírus

SARS-CoV-2, sendo 5.107,084 pessoas mortas³ até a presente data.

Dessa forma, é entendido que existem muitas especulações sobre a origem do vírus, entretanto, ainda não possui dados efetivos, concretos da sua origem, mas, o que não se pode negar é a forma rápida de proliferação do mesmo em um curto período, levando grandes órgãos de saúde a aderir medidas drásticas. Partindo dessa perspectiva seguiremos nesse contexto de pandemia, porém voltado ao Brasil e os contornos no Estado da Bahia.

2.1 A PANDEMIA DO COVID-19 NO BRASIL E SEUS CONTORNOS NO ESTADO DA BAHIA.

A princípio, o Brasil ainda não possuía nenhum caso do vírus nomeado de COVID-19, mas existia um risco eminente, entretanto todas as programações seguiam normalmente. Os meios de comunicação já explanavam a situação vivenciada na Europa, Ásia e China, causada por um vírus ainda não visto em seres humanos, com poucas descobertas, vírus esse que transformou o mundo em um laboratório de pesquisa, em busca de soluções.

Mesmo sendo noticiados todos os dias, a forma crescente e a expansão geográfica com que o vírus ia se estabelecendo em outros países, no Brasil já era fevereiro e o carnaval ocorreu sem interrupções, tendo aglomerações de centenas de pessoas para apreciar os festejos, e “o Brasil registrou recorde de movimentação de pessoas em 2020 nas principais cidades carnavalescas, como o Rio de Janeiro” (Brito, 2020, apud. MATTA, 2021p.27).

Em pleno fervor do carnaval, no ápice dos festejos, em 26 de fevereiro na popular quarta-feira de cinzas, o Brasil detectou o primeiro caso do vírus SARS- CoV-2 “um homem branco, de 61 anos, que havia voltado de viagem da Itália para a cidade de São Paulo” (MATTA, 2021, P.28). Aparentemente o caso não tinha uma conexão com o carnaval em si, porém, pensando no quantitativo de pessoas que circulavam no Brasil que vinham do exterior, era notório que seria o vínculo ideal para o vírus se propagar de forma rápida, ressaltando que, para qualquer vírus se propagar é necessário um hospedeiro, que no caso do SARS-CoV-2 se propagava de pessoa para pessoa através de gotículas expelidas pelas vias aéreas. Sendo constatado o primeiro óbito em aproximadamente 15 dias após a confirmação do primeiro caso no país, em 12 de março de 2020, uma mulher de 57 anos também no estado de São Paulo, e sendo rapidamente disseminado em outros estados e municípios, tendo o primeiro caso de covid-19 no estado da Bahia em 06 de março de 2020. O Brasil até a presente data possuía nove casos de covid-19, sendo seis em São Paulo, um no Rio de Janeiro e um no Espírito Santo, além do caso de Feira de Santana na Bahia,

³Disponível em: [HTTPS://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covd-19_html.html](https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covd-19_html.html)

o Distrito Federal possuía um caso confirmado em laboratório particular que aguardava o resultado da contra prova.

Para entender como se deu essa proliferação do vírus no Brasil, segundo Chloé Pinheiro (2021), foi realizado um estudo sendo sequenciadas 427 amostras do RT-PCR com secreções humanas, em “85 municípios e 18 estados brasileiros” sendo encontradas 100 cepas do vírus, com destaque para os estados de São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais, estados que reuniam uma concentração alta de voos internacionais. O estudo foi realizado pelo cientista cearense Darlan Cândido, da Universidade de Oxford, no Reino Unido em parceria com instituições brasileiras e internacionais, com três cepas oriundas da Europa responsáveis pela propagação do vírus no Brasil. Ainda segundo a publicação de Chloé Pinheiro (2021) sobre a pesquisa de Darlan Cândido, em 30% das amostras foi encontrada uma cepa dos Estados Unidos, entretanto, chamou muita atenção devido o país não possuir um número considerável de pessoas contaminadas, pois os Estados Unidos tiveram seu primeiro óbito em 26 de fevereiro, dia este em que o Brasil tinha o seu primeiro caso confirmado. Diante da pesquisa citada é possível compreender que várias cepas adentraram o Brasil, porém, nem todas foram consumadas e responsáveis pela propagação no país.

Mesmo com a crescente do vírus no país, a decisão por parte do poder público em relação a medidas de controle era lenta, além de enfrentar uma pandemia, outra briga se travava entre o poder político, pois as medidas que o presidente Jair Messias Bolsonaro defendia não condiziam com as do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, segundo BUENO, SOUTO, MATTA(2021,p.28) “Em 3 de março, o ministro da Saúde, tentou buscar um alinhamento com as recomendações da OMS, destacando a importância da quarentena e de medidas de distanciamento social”, medidas essas que tiveram eficácia em outros países, entretanto, essa tentativa por parte do Ministro da Saúde, causou um conflito com o Presidente da República “que desde a chegada do vírus mantinha um discurso no qual minimizava a gravidade da doença e afirmava que a economia não poderia parar para conter uma possível epidemia no país” (p.29). O presidente, em uma de suas entrevistas até usou o termo “uma gripezinha” para se referir a doença causadora de uma pandemia mundial e de várias mortes.

O ministro através de pronunciamento diário para imprensa sinalizava a atual situação do país, ainda segundo BUENO, SOUTO, MATTA (2021, p.29), “os conflitos gerados pelas solicitações do presidente de que o MS reforçasse a recomendação de medicamentos comprovadamente ineficazes para o tratamento e indicasse isolamento vertical levou, em 16 de abril, à exoneração do ministro”. O segundo Ministro a assumir a pasta do MS Nelson Teich, médico oncologista, que também não compactuou com a recomendação de medicamentos então

citados no momento (hidroxicloroquina), deixou a pasta com um mês de atuação. Sendo o terceiro indicado em 16 de maio, o general Eduardo Pazuello, o mesmo já atuava na pasta como secretário, após quatro dias emitiu uma nota recomendando o uso do hidroxicloroquina para casos leves, perante prescrição médica com um termo de consentimento do paciente para uso, ou seja, as pessoas que fizessem o uso da medicação assumiriam toda e qualquer alteração ou complicação que viessem a ter proveniente do uso da medicação, tirando toda responsabilidade do Estado.

O governo da Bahia assim como de outros Estados, não possuía um comum acordo com o Presidente da República em relação às medidas de restrições para com o vírus, pois os pontos de defesa das duas esferas, saúde e economia, era algo preocupante, sendo que o presidente sempre enaltecia a economia como foco principal mesmo diante do quantitativo de pessoas mortas pelo vírus, e minimizava a pandemia, não sendo a favor do lockdown, restrições para serviços não emergenciais.

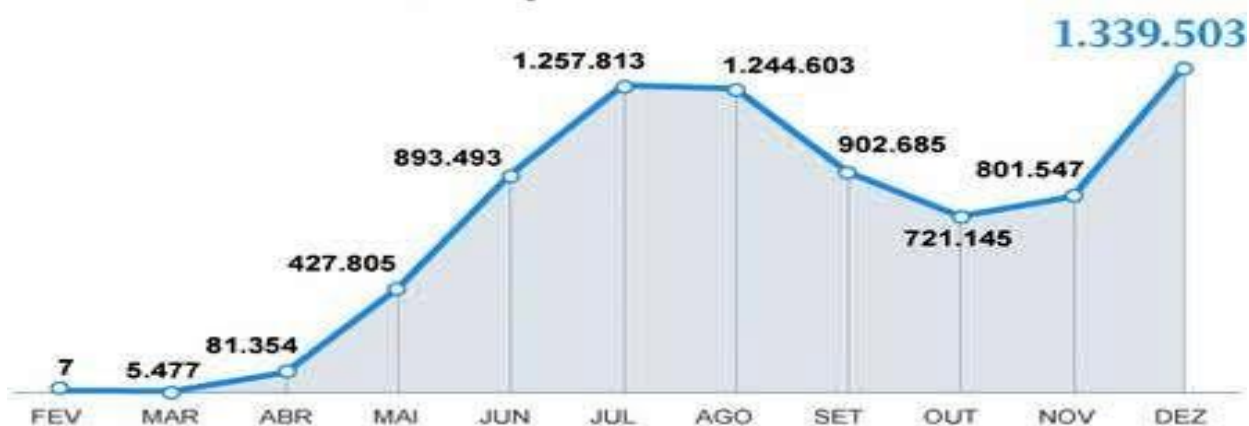
A dificuldade de coordenação nacional e a falta de uma liderança que indicasse um caminho coerente para lidar com o vírus em escala e para o diálogo federativo no Brasil levaram a que a responsabilidade, na prática, ficasse a cargo de governadores e prefeitos, incentivando uma supervalorização da fragmentação política num momento da necessidade de afirmação de um amplo pacto nacional para o enfrentamento da crise sanitária e humanitária. A decisão do governo federal ignorou a prerrogativa da União em casos como o de uma pandemia (Brasil, 1990) apud. (BUENO, SOUTO, MATTA, 2021p.30).

O vírus se propagava de forma rápida e esses entraves políticos ocasionavam um atraso nas medidas preventivas, sendo as primeiras medidas de isolamento tomadas pelos Estados e Municípios em 11 de março.

O governo do Distrito Federal foi o primeiro a fechar escolas e no Rio de Janeiro, o então governador Wilson Witzel decretou isolamento e quarentena voluntária (Governo..., 2020). Em meio à já detectada transmissão comunitária (Brasil, 2020b) do novo coronavírus, o governador de São Paulo, João Doria, determinou medidas restritivas por 15 dias, seguido de pelo menos outros 24 estados brasileiros. Capitais como Manaus entraram em colapso: em abril, uma das imagens mais chocantes foi a abertura de covas em massa devido à alta mortalidade por Covid-19 na cidade. (BUENO, SOUTO, MATTA, 2021p. 30).

Seguem abaixo gráficos demonstrando os casos de COVID-19, assim como os índices de mortes no ano de 2020:

Casos de Covid-19 por mês no Brasil



Fonte: Secretarias de Saúde/Consórcio de veículos de imprensa

REGISTROS DE COVID-19 DISPARARAM NO FIM DO ANO

24 das 27 unidades da federação tiveram mais mortes em dezembro do que no mês anterior

Mortes por mês no Brasil



É possível observar através dos gráficos acima que nos meses de Julho e Agosto de 2020, o Brasil atingiu o maior quantitativo de pessoas contaminadas pela covid-19, entretanto, ao que se refere ao número de pessoas mortas, Junho e Julho do mesmo ano apresentam a maior quantidade de óbitos, apresentando uma queda no mês de Agosto. Porém, em dezembro de 2020 o Brasil registra o maior número de contágio desde o primeiro caso no país, tendo também um aumento do número de mortos.

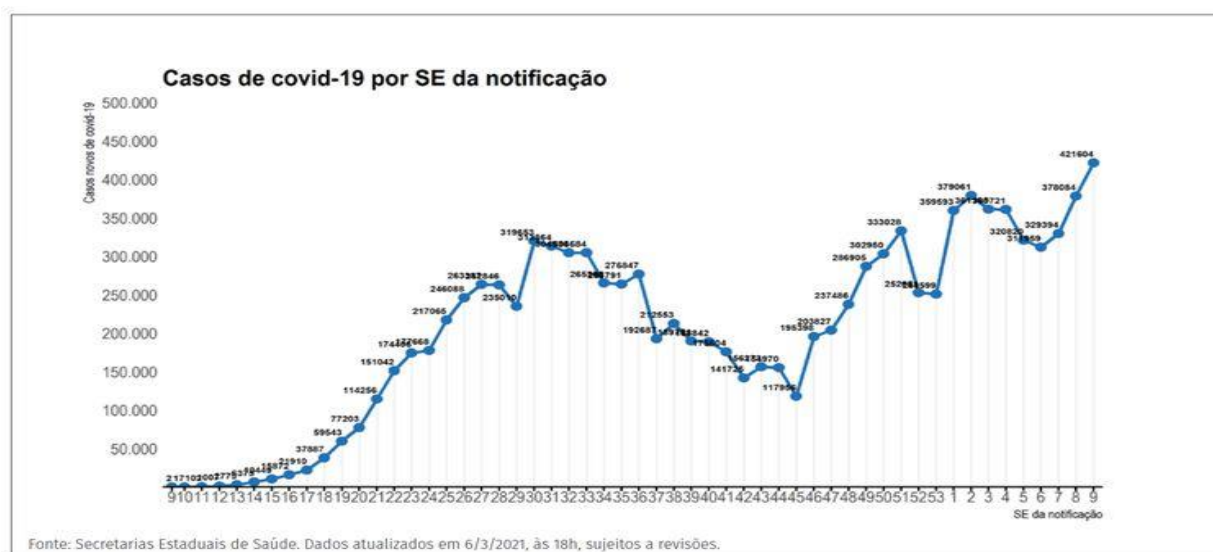
A espera de uma vacina como forma de imunizar as pessoas contra o vírus da COVID-19 era o que mantinha viva a esperança de dias melhores, mediante a todo caos vivenciado por todos. Entretanto, em toda história de vacina no Brasil, o período mínimo para composição de um imunizante é de em média dez anos e o que estava para acontecer era um recorde e um avanço na ciência para solucionar uma demanda importantíssima para a sociedade em um curto período de tempo. Segundo LIMA, ALMEIDA, KFOURI (2021, p.22) “o impacto humanitário e econômico da pandemia da COVID-19 impulsionou a utilização de novas plataformas de

tecnologias de vacinas para acelerar as pesquisas, e a primeira candidata a uma vacina entrou em testes clínicos em humanos em meados de março de 2020”. Os testes clínicos em humanos eram divididos em três etapas:

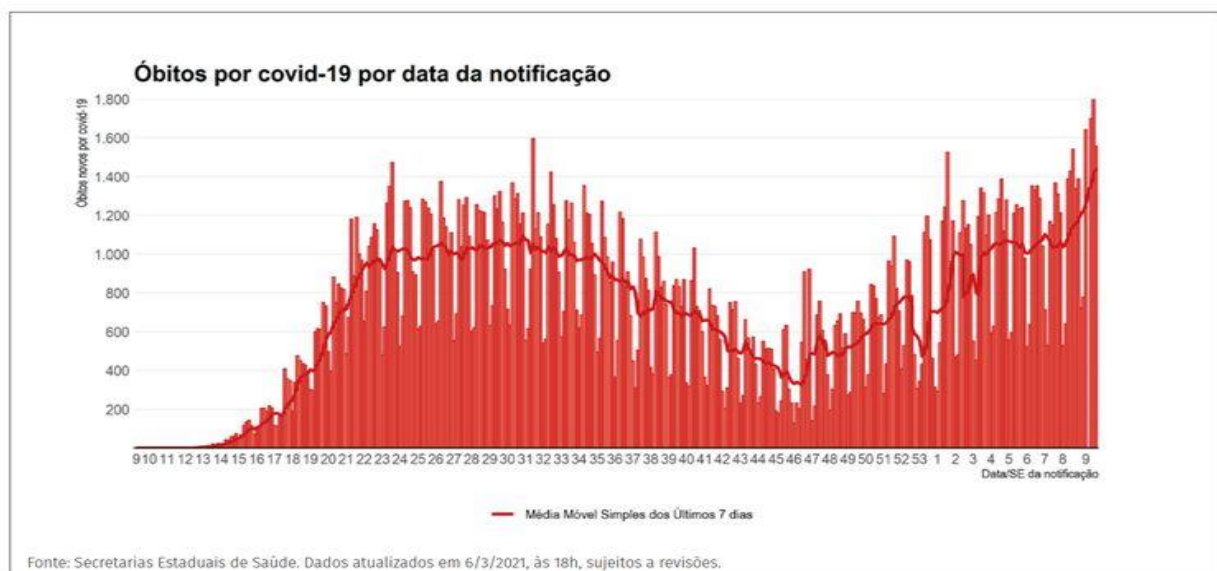
Os estudos de fase 1 visam avaliar a segurança do produto, enquanto os de fase 2 avaliam segurança, dose e frequência de administração, bem como sua imunogenicidade. Os de fase 3 têm como desfecho principal a avaliação de eficácia do produto, através de ensaios clínicos controlados, randomizados, envolvendo milhares de voluntários. (LIMA, ALMEIDA, KFOURI. P22).

Os autores afirmam que “após a publicação científica desses dados, a vacina candidata é submetida à avaliação pelas agências reguladoras, para posterior produção e distribuição” p.22. Dessa forma, deu-se o processo de vacinação contra a COVID-19 em 21 de março de 2021, o Brasil recebe as primeiras doses da vacina contra a COVID-19 por meio do mecanismo COVAX “iniciativa global que reúne governos, organizações, fabricantes, cientistas, sociedade civil e setor privado, entre outros atores, com vistas a proporcionar acesso inovador e equitativo, independentemente do poder econômico dos países” (Berkley, 2020) idem, (Bueno, Souto e Matta, 2021, p.34).

O Brasil entre meados de fevereiro e início de março de 2021 registra o maior índice de casos da doença SARS-CoV-2 desde o início da pandemia em fevereiro de 2021, sendo registrados 421.604 novos casos, tendo também um aumento de mortes pelo vírus, sendo registradas entre o período de 28 de fevereiro e 6 de março 10.104 mortes no país. Seguem abaixo gráficos demonstrando a evolução do vírus.



Os gráficos demonstram que conforme os casos de covid-19 iam aumentando, o índice de óbitos pela doença aumentava, mantendo assim uma regularidade entre ambos, seja no aumentativo ou diminutivo da doença.



Após a vacinação, que teve início em meados de janeiro com a Coronavac, vacina desenvolvida no Brasil pelo Instituto Butantã, sendo vacinados de início profissionais de saúde e idosos acima de 80 anos, e em 21 de março com a chegada das vacinas AstraZeneca, Oxford, Pfizer e Janssen, tendo sua distribuição para os Estados e Municípios, inicia-se também um esquema de vacinação por faixa etária assim como grupos de riscos, e conforme ia se atingindo um quantitativo de pessoas vacinadas, ia se estabelecendo uma queda no índice de mortes no país.

Média móvel de mortes no Brasil



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados da secretarias estaduais de saúde



Infográfico atualizado em: 01/07/2021

Ao contrário do que se tinha no ano de 2020 do mesmo mês, o gráfico acima demonstra que no ano subsequente, 2021, é possível perceber uma queda no índice de pessoas mortas pela covid-19 após a chegada das vacinas. Sendo que apenas no mês de junho de 2020 foi notificado 30.315 pessoas mortas por covid-19, tendo o mês subsequente do mesmo ano de 2020 seguindo em uma crescente contabilizando um pouco mais de 32 mil casos de mortes pela covid-19 e o que o gráfico de 2021 após a vacina mostra é uma diminuição significativa dos casos.

De antemão, após entender como o vírus se estabeleceu no Brasil seguiremos nesta linha da pandemia, porém, no Estado da Bahia fazendo uma compreensão de como se deu a chegada do vírus, assim como quais medidas foram adotadas para minimizar a proliferação do mesmo no Estado da Bahia.

2.2 O VÍRUS CHEGA NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

O estado da Bahia fica localizado na região Nordeste, possui um alto índice de turistas, conhecido pelos seus festejo, pela forma calorosa e acolhedora que o povo baiano tem, rica em cultura, assim como as saborosas comidas feitas com o azeite de dendê, com uma área tropical ampla e com belas paisagens, o que atrai uma grande movimentação turística, conseqüentemente, a Bahia também ficou à mercê da covid-19.

A Bahia já possuía algumas notificações de casos suspeitos, porém até o dia 05 de março, nenhum caso tinha sido confirmado, segundo BRASIL (2020) “de janeiro até às 17 horas do dia (05), a Bahia registrou 73 casos notificados com suspeita clínica de infecção pelo novo coronavírus”, sendo que “21 foram excluídos por não se enquadrarem no protocolo do Ministério da Saúde, 29 foram descartados laboratorialmente e 23 aguardam análise laboratorial”. Sendo os

primeiros municípios notificantes “Camaçari, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Jacaraci, Jequié, Lauro de Freitas, Lençóis, Salvador, Sant Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas, Tucano e Vitória da Conquista”. Dados emitidos pelo Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde da Bahia (Cievs-BA) em conjunto com os Cievs municipais.

As estratégias foram idealizadas a partir de critérios definidos pelo Ministério da Saúde, pois atualmente 33 países são monitorados pelo MS nos quais possuem transmissão ativa do Corona vírus, os critérios se baseavam entre as pessoas que estiveram em um desses países e que posteriormente apresentassem febre, gripe, tosse ou falta de ar. Dessa maneira eram notificados, o teste para SARS-COV-2 era realizado e encaminhados para isolamento, assim como o monitoramento das pessoas as quais tiveram contatos. Os países monitorados pelo MS segundo BRASIL (2020) são: “Alemanha, Argélia, Austrália, Canadá, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Croácia, Dinamarca, Emirados Árabes Unidos, Equador, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Indonésia, Irã, Israel, Itália, Japão, Líbano, Malásia, Noruega, Reino Unido, Romênia, San Marino, Singapura, Suécia, Suíça, Tailândia e Vietnã”.

O vírus SARS-CoV-2, nomeado como COVID-19 chega à Bahia no dia 06 de Março de 2020, onde se tem o primeiro caso confirmado, uma mulher de 34 anos, residente da cidade de Feira de Santana, que havia retornado da Itália no dia 25 de fevereiro, com manifestação dos sintomas após sua chegada ao Brasil, durante a viagem teve passagem por Roma e Milão, locais de possível contaminação, sendo considerado o primeiro caso importado. Segundo BRASIL (2020) “O primeiro atendimento e as amostras foram coletadas em um hospital particular da capital baiana, sendo enviadas para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, que é a referência nacional do Ministério da Saúde”, com o recebimento da confirmação do diagnóstico no dia 06/03/2020.

No dia seguinte, 07 de março de 2020, a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab) confirmou o segundo caso positivo, também na cidade de Feira de Santana, se tratava de uma mulher de 42 anos, uma trabalhadora doméstica que teve contato com o primeiro caso, no período em que a paciente estava assintomática, tornando o segundo caso uma transmissão local, diferente do primeiro que se deu de forma importada. O primeiro óbito ocorreu em 29 de março de 2020, um homem de 74 anos que estava internado em um hospital privado da capital baiana.

Mediante os aumentos de notificações, assim como a confirmação para o coronavírus, algumas medidas foram tomadas pelo Governo do Estado da Bahia para tentar minimizar a contaminação pelo vírus. O governo sanciona algumas leis relacionadas ao combate do coronavírus. Sendo elas:

Lei nº 14.256, de 06 de abril de 2020: *Autoriza o Poder Executivo a destinar recursos*

para pagamento das faturas residenciais de água de consumidores de baixa renda beneficiários de tarifa social que residam no Estado da Bahia.

Lei nº14.257, de 06 de Abril de 2020: Dispõe sobre procedimentos complementares para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, e dá outras providências.

Lei nº 14258 de 13 de Abril de 2020: Dispõe sobre a obrigatoriedade de uso e fornecimento de máscaras em estabelecimentos públicos, industriais, comerciais, bancários, rodoviários, metroviários e de transporte de passageiros nas modalidades pública e privada, como medida de enfrentamento à disseminação do novo coronavírus, causador da COVID-19, na forma que indica, e dá outras providências.

Lei nº 14.259, de Abril de 2020: Cria o Projeto Vale Alimentação Estudantil - PVAE, destinado a ações de transferência de renda aos estudantes da rede pública estadual de ensino, configurando benefício complementar emergencial, em razão do estado de calamidade pública em saúde decorrente da pandemia da COVID-19, e dá outras providências.

Lei nº 14261 de 29 de Abril de 2020: Dispõe sobre o uso obrigatório de máscaras pelas pessoas em circulação externa, bem como no trânsito, nos municípios em que estão em vigor os Decretos Legislativos de Reconhecimento de Estado de Calamidade Pública aprovados pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e que tenham confirmado caso de COVID-19, como medida de enfrentamento à propagação e infecção do Coronavírus, causador da COVID-19, na forma que indica, e dá outras providências.

Além das leis sancionadas citadas acima, o governador do Estado da Bahia, Rui Costa, anunciou e a Assembleia Legislativa da Bahia (Alba) aprovou a antecipação de feriados na Bahia, válida para a capital e interior como forma de minimizar a disseminação do vírus no Estado, duas datas de comemoração regionais, o 24 de junho (São João) e o 2 de julho (Independência da Bahia), foram transferidas para os dias 25 e 26 de maio, respectivamente, em todo o Estado. O governo também publicou um decreto para os dias 28 e 29 de Maio, onde estariam suspensos os serviços não essenciais em nove cidades sendo elas: Salvador, Feira de Santana, Lauro de Freitas, Itabuna, Ilhéus, Jequié, Candeias, Ipiaú e Camaçari, sendo permitido o funcionamento apenas das agências bancárias, farmácias, indústrias, limpeza pública, manutenção urbana, supermercados e serviços relacionados à saúde e segurança.

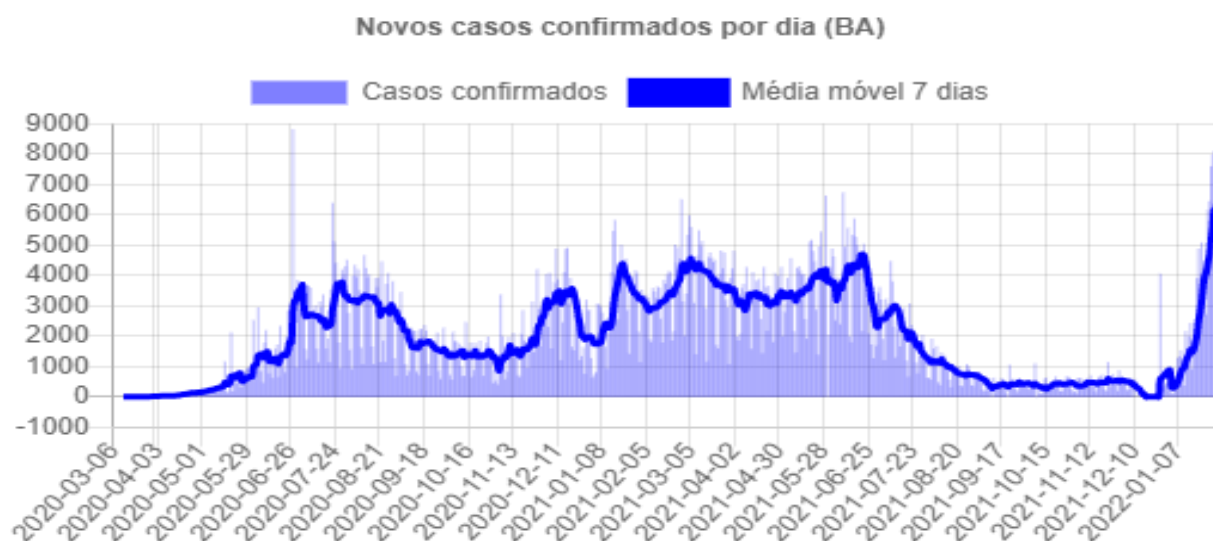
Durante o início da pandemia na Bahia todas as amostras coletadas eram enviadas para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, sendo a referência nacional, entretanto ocasionava um acúmulo muito grande que acarretava na demora do resultado devido a demanda, segundo BRASIL (2020) “a Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Sesab) adquiriu um painel

que testa os 21 principais vírus respiratórios no Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen-Ba)”, com capacidade de 1000 diagnósticos por dia. “O Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen-Ba) passou a funcionar 24 horas por dia, inclusive aos finais de semana”.

Conforme o vírus se expandia, medidas iam sendo tomadas pelo governo do Estado, decretos iam sendo sancionados como forma de minimizar o quantitativo de casos do vírus no Estado, uma das medidas que o governo do Estado utilizou foi o chamado lockdown, que trazia a restrição dos serviços não essenciais nos finais de semana, dando início às 20h da sexta-feira até as 5h da manhã da segunda-feira, com o intuito de manter o distanciamento social, e conforme se estabelecia o aumento de casos, às restrições iam se tornando mais rigorosas.

Alguns serviços foram suspensos no período de 15 dias, como a saída e a chegada de qualquer transporte coletivo intermunicipal, público e privado, rodoviário e hidroviário, sendo eles: regular ou fretado, alternativo e de vans, em municípios com casos confirmados de coronavírus, assim como voos nos aeroportos de Porto Seguro, Vitória da Conquista e Ilhéus passaram a ter o funcionamento reduzido, com equipes realizando medição de temperatura dos passageiros dos voos nacionais, vindos de São Paulo e Rio de Janeiro e voos internacionais de países com casos confirmados de contaminação pela COVID-19. Nos aeroportos de Valença, Feira de Santana, Lençóis, Barreiras e Teixeira de Freitas, os voos foram cancelados, sendo reagendados. Houve a suspensão de cruzeiros desde o dia 17 de março com operações de atracações e embarcações de passageiros, suspensão de eventos com presença superior a 100 pessoas até 13 de setembro em todos os municípios baianos, suspensão das aulas nas unidades de ensino público e privado, até 13 de setembro de 2021 sofrendo alterações durante o período de pandemia, tendo flexibilização quando apresentava uma melhora em relação a novos casos e rigidez com o aumento de casos.

Seguem abaixo dois gráficos demonstrando a média de casos de COVID-19 confirmados na Bahia de Março de 2020 a Janeiro de 2022, sendo analisado apenas o ano de 2020 e 2021.



Fonte: SES-BA/Consolidação por Brasil.IO. *Nota: dados sendo consolidados para os últimos dias.

O gráfico acima demonstra a evolução do vírus na Bahia durante o ano de 2020 e 2021, é possível observar que no que se refere aos números de pessoas que contraíram a covid-19 a Bahia teve uma oscilação, sendo que de Junho a Agosto de 2020 manteve uma elevação dos casos, tendo uma queda nos meses de Setembro, Outubro e Novembro, tal queda se deu em razão das medidas tomadas pelo governo, assim como os lockdowns. Porém, em dezembro do respectivo ano, tem se uma elevação dos casos, o gráfico demonstra que de Dezembro de 2020 a Março de 2021 a Bahia manteve uma oscilação, o intermédio e a elevação dos casos, momento esse que se tinha a vacinação como o principal mecanismo para o combate do vírus, obtendo êxito e uma diminuição dos casos a partir do mês de Junho de 2021 e manteve uma linearidade na diminuição dos casos até Dezembro de 2021.



Fonte: SES-BA/Consolidação por Brasil.IO. *Nota: dados sendo consolidados para os últimos dias.

Diante do gráfico acima podemos compreender que os óbitos ocorridos pela covid-19 tiveram dois momentos delicados durante esses dois anos de pandemia no que se refere ao Estado da Bahia, sendo que do mês de Maio até meados de Outubro de 2020 obteve um pico nas mortes provocadas pelo vírus, de meados de Outubro a Fevereiro de 2021 teve um controle, tendo em abril o maior número de mortes registrado até o momento, obtendo queda nos casos de mortes a partir de julho de 2021, com um controle consideravelmente positivo até dezembro de 2021, êxito esse obtido a partir do avanço da vacinação.

A vacina contra o coronavírus chega à Bahia em 18 de janeiro de 2021, com um total de 376.600 doses da Coronovac, sendo distribuídos para cidades, polos baianas e os municípios menores em todas as regiões do Estado. Os quatro primeiros a receber a dose da vacina da COVID-19, uma enfermeira de 53 anos, Maria Angélica de Carvalho Sobrinha, que atua no Instituto Couto Maia; uma idosa de 83 anos, Lícia Pereira Santos, que mora desde 2014 no Centro de Geriatria das Osid; um médico de 30 anos, Uenderson Barbosa, que atua no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU); e uma indígena do povo Tuxá, Deisiane Tuxá de 31 anos, todos negros, foram as pessoas escolhidas para receber doses dos imunizantes desenvolvidos pelo Instituto Butantã, em parceria com a chinesa Sinovac Biotech, na manhã do dia 19 de janeiro de 2021. A partir de 21 de março de 2021, o Brasil começa a receber as primeiras doses das vacinas AstraZeneca, Oxford, Pfizer e Janssen, sendo feita a distribuição para os estados através do governo federal e posteriormente distribuídos para os municípios, dando seguimento a imunização da população contra o vírus SARS-Cov-2.

Por fim, a pandemia no Estado da Bahia durante dois anos obteve “posturas” diferentes, tendo duas ondas de um mesmo “problema”, sendo no primeiro momento quando se teve o primeiro pico da covid-19 na Bahia, não se tinha nada de concreto para amenizar ou se quer detê-los, entretanto, foram adotadas medidas nas quais conseguiram minimizar o índice de contágio, por um curto período, pois as medidas só obtinham uma eficácia com a restrição de vinculação das pessoas, ao flexibilizar tais medidas o contágio obtinha uma elevação. No segundo momento em que se teve o maior número de contágio assim como o de óbitos decorrentes da covid-19, medidas foram adotadas com restrição de circulação, porém, já se tinha algo concreto para corroborar com o controle e diminuição do contágio, as vacinas estava em fase de aplicação e conforme se obtinha o avanço na imunização, apresentava-se uma diminuição nos casos, chegando ao final do ano de 2021 com um controle efetivo nos óbitos e um controle efetivamente positivo na proliferação do vírus. Entretanto, vale salientar que a vacina não traz a cura e sim minimiza as formas graves da doença, dados comprovados no que se referem a diminuição dos leitos de UTIs e mortes provocada pelo vírus, ainda é importante salientar que a

vacina por si só não teria o resultado eficaz, a população precisa fazer sua parte e seguir com todas as orientações da OMS.

2.3 O VÍRUS CHEGA NA CIDADE JARDIM



FONTE: @ruirezendefotos

Amargosa é uma cidade com o equivalente de pouco mais que 39 mil habitantes, porém, com uma movimentação do comércio expressiva, que atrai pessoas das cidades vizinhas para o Município, o que levou a gestão a atuar de forma mais rígida para conter o avanço do vírus em nossa cidade.

Desde que o Brasil registrou o primeiro caso de COVID-19, ações foram feitas no Município de Amargosa como forma de amenizar os efeitos da pandemia em nossa cidade. Sendo uma das primeiras medidas tomadas pela gestão, a suspensão das aulas Municipais, Estaduais e Privadas, assim como a proibição de eventos particulares e públicos com aglomeração superior a 20 pessoas. Algumas restrições referentes à circulação também foram aderidas pelo município, os servidores que faziam parte da área de risco foram afastados para trabalho remoto.

De acordo com a crescente de casos nas cidades vizinhas assim como o início de casos suspeito no município, uma das formas de monitoramento do fluxo de pessoas foi à implantação de barreiras sanitárias nas entradas principais da cidade, com o monitoramento da temperatura e de sintomas gripais, assim como o uso obrigatório de máscara e orientação sobre higienização das mãos.

Para evitar a contaminação cruzada, a prefeitura implantou um pronto atendimento para as síndromes respiratórias, com cinco respiradores mecânicos e a contratação de novos

profissionais de saúde para contemplar a demanda, neste espaço eram atendidos todos os pacientes que apresentavam sintomas relacionados a covid-19, assim como os casos confirmados e os que necessitavam de um tratamento mais específico eram inseridos em tela de regulação do estado, e posteriormente transferidos para hospitais de referência implantados pelo governador do Estado da Bahia.

Outras medidas também foram sancionadas pela gestão como: adiamento das taxas municipais e IPTU de todos os munícipes e empresas; antecipação do pagamento de fornecedores da cidade; compra de 2 mil cestas básicas para distribuir entre as famílias mais carentes de Amargosa; Kit Alimentação Escolar para todos os alunos matriculados regularmente nas escolas municipais; confecção de máscaras de tecido para profissionais e população com distribuição gratuita; higienização das ruas com solução específica para desinfecção dos ambientes.

Mediante a tudo que estava acontecendo em uma escala mundial, com restrição no convívio social, e por estarem em uma era tecnológica algumas medidas foram adotadas através desse mecanismo como: Serviços online para os cidadãos e servidores contatarem a Prefeitura mesmo de casa; Criação do Alô, Psicóloga! para quem precisa de ajuda psicológica nesse momento de crise mundial, através do aplicativo Whatsapp; criação do Dúvidas Coronavírus, onde a população pode ter contato com profissionais de saúde rapidamente, tirar dúvidas e informar possíveis sintomas da COVID-19. Com o intuito de minimizar os impactos da pandemia, ainda por meios tecnológicos a Secretaria Municipal de Saúde de Amargosa passa a publicar boletins informativos periódicos sobre a situação da COVID-19 na cidade.

Amargosa tem seu primeiro caso de COVID-19 confirmado no final de abril (paciente contaminada e internada em Salvador), e o primeiro óbito em 18 de maio de 2020, uma paciente de 69 anos, que deu entrada no Hospital Municipal de Amargosa, no dia 13 de maio acusando tosse, falta de ar e febre, a paciente possuía outras comorbidades. Sendo que, nessa mesma data a Cidade Jardim tem seu primeiro paciente recuperado do coronavírus, um idoso de 75 anos, se tratava de um dos casos importados na cidade.

Até o dia 18 de maio Amargosa possuía 7 casos confirmados, sendo quatro por contágio local e um deles veio a óbito, um recuperado, além de 173 pessoas monitoradas pelo município.

Com o passar dos dias os casos iam aumentando e até o dia 10 de julho de 2020, Amargosa possuía 76 casos confirmados de Covid-19 e três pessoas mortas pela doença, sendo tomadas medidas mais drásticas pela gestão, foi decretado a proibição das atividades não-essenciais e circulação de pessoas e veículos, o chamado lockdown, para conter o avanço do coronavírus, com início em 13 de julho de 2020. Durante o período de lockdown foi permitido o

funcionamento apenas de postos de combustíveis, farmácias e mercados, e conforme havia uma estabilidade na contaminação a gestão flexibilizava as medidas.

Assim como no Estado da Bahia as medidas eram sancionadas por decretos e leis, os municípios também seguiram essa conduta em cada etapa vivenciada pelo vírus, que ia sendo estabelecida.

Durante todo o período de pandemia, a Prefeitura através da Secretaria de Saúde, lançava boletins médicos diários para informar a população como estava a proliferação do vírus no município. Segue abaixo o boletim do dia 29 de dezembro de 2020, a situação da cidade durante o ano de 2020 até a presente data.



Fonte: [© 2020 Prefeitura Municipal de Amargosa](#)

Pode-se afirmar que, em razão das medidas adotadas nos municípios e obteve certo controle na proliferação do vírus, pensando que Amargosa possui um pouco mais de 39 mil habitantes, fechando o ano de 2020 com 761 pessoas contaminadas pelo vírus, possuindo 736 recuperados e apenas 11 ativos. Ressaltando que até o momento não se tinha vacina.

Em Março de 2021, onde o Brasil vivenciava a pior fase da covid-19, com aumento expressivo de pessoas contaminadas, assim como pessoas mortas pelo vírus, Amargosa mantinha um controle efetivo nos casos. Segue abaixo boletim médico do dia 17 de março de 2021.



Fonte: [© 2020 Prefeitura Municipal de Amargosa](#)

Fazendo um comparativo com o boletim de 29 de Dezembro de 2020, podemos perceber que em dois meses e meio obteve 965 novos casos de covid-19 na cidade, assim como o número de óbitos teve um aumento significativo, pois em dezembro era apenas 14 e em março já possui 32, sendo contabilizados 18 óbitos a mais em um curto período.

Na Cidade Jardim no decorrer de dois anos de pandemia, a gestão desempenhou medidas preventivas contra a COVID-19, e através dos boletins médicos diários publicados através da secretaria de saúde, evidenciava um retorno positivo no que se tratava da proliferação do vírus, e com a chegada da vacina o índice de pessoas com sintomas graves também reduziu, essa redução não se deu apenas no Município de Amargosa, mas nos Estados e Municípios do Brasil.

Amargosa encerrou o ano de 2021 com 11 casos ativos, 54 óbitos, 3.054 recuperados, 29.415 vacinados com a primeira dose, 26.408 com o esquema vacinal completo e 4.743 vacinados com a terceira dose. Dados obtidos no boletim publicado em 30 de dezembro de 2021 pela secretaria de saúde.

Dessa forma, podemos interpretar que a pandemia na cidade de Amargosa com o quantitativo de habitantes que residem no município, teve sua situação no quesito de proliferação controlado, obtendo um resultado eficaz nas medidas adotadas, sendo que finalizava o dia 30 de Dezembro de 2021 com 3184 pessoas contaminadas, sendo 54 óbitos, 11 ativos e 3119 recuperados, um número relativamente baixo comparados a realidade de outros municípios durante esses dois anos de pandemia. É possível afirmar que as medidas juntamente com a vacinação trouxeram esperanças para a população e isso veio de forma concreta sendo representadas e vivenciadas através dos boletins diários demonstrando a diminuição dos casos.

3.0 A PANDEMIA NA EDUCAÇÃO: DO FECHAMENTO DA ESCOLA AO ENSINO REMOTO

Tendo em vista o cenário atual em que foram impostas às medidas de isolamento social como forma de evitar a proliferação da Covid-19, surge uma nova perspectiva de ensino, na qual surgem algumas indagações sobre elas, neste capítulo serão abordados os diferentes tipos de ensino respaldado por leis, o desencadeamento do fechamento das escolas, assim como o processo de alfabetizar em um período pandêmico.

A pandemia afetou diretamente a saúde pública, causando consequências também nos setores da Economia, Política, Meio Social e Educacional. A Educação enfrenta uma crise no ensino e aprendizagem das crianças com o aumento de casos confirmados no Brasil, a medida a qual se teve que adotar para minimizar a contaminação, foi o distanciamento social que desencadeou no fechamento das escolas.

Seguindo as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde), o governador do estado da Bahia, Rui Costa, no dia 16 de março de 2020, por meio do Decreto Estadual Nº 19.529, regulamentou a suspensão das atividades letivas nas unidades de ensino, públicas e particulares como medida temporária ao combate a transmissão na pandemia.

Diante da crise provocada pela Pandemia de Covid-19, as instituições de ensino precisaram tomar medidas para continuar promovendo o processo de ensino-aprendizagem, e simultaneamente manter a comunidade acadêmica e escolar em segurança, frente ao momento de emergência de saúde pública.

De início, muitas instituições decidiram por cancelar as aulas presenciais e optaram por transportar as aulas para o modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) que como o próprio nome diz, se tratou de uma opção de emergência para que a educação não parasse, foi uma resposta a um momento de crise.

Entre as alternativas encontradas, está a substituição das aulas presenciais pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), autorizado e orientado pelo Ministério da Educação, pela Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 –alternativa que se iniciou no âmbito da rede particular de ensino, mas ganhou fôlego nas instituições públicas, e uma opção bem preocupante, considerando todas as demandas que uma proposta de ensino remoto requer (Souza e Ferreira, 2021, P.3).

O principal objetivo do ensino remoto é de justamente possibilitar o acesso à educação em um momento de emergência, de maneira confiável, com configurações não tão difíceis de manipular, apesar de que esses foram pontos que geraram muita discussão na implantação desse

ensino, pois houve muita dificuldade quanto ao acesso para todos, e quanto à adaptação dos profissionais da educação e dos estudantes a essa forma de ensino, e as tecnologias necessárias.

Primeiro, o acesso aos dispositivos e uma Internet de qualidade. Esse requisito compromete o processo de ensino-aprendizagem no seio da educação pública, pois, no Brasil, os dados do PNAD Contínua do IBGE (2019) revelam que cerca de 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à Internet. Além disso, nem todas as ferramentas e softwares são comuns no universo pedagógico das instituições públicas. Professores e alunos não estão familiarizados com os equipamentos tecnológicos e com as plataformas digitais, que exigem uma preparação mínima para seu domínio básico, (Souza e Ferreira, 2021, p. 3).

O Ensino Remoto é realizado a distância, onde os conhecimentos são transmitidos através de aulas online, e o estudante pode realizá-las em qualquer lugar que tenha acesso a internet, e com essas características o ensino remoto pode ser confundido e até nomeado de Ensino a Distância ou EaD, o que seria um equívoco, já que o EaD é uma modalidade bem planejada, onde os estudantes conseguem adequar sua necessidade de formação com a sua rotina, e os professores recebem auxílio para aprender a implementá-la. E com o ERE não houve tempo para um planejamento detalhado, para auxiliar os docentes que não tinham familiaridade com aulas online e com os recursos tecnológicos utilizados para possibilitar que o ensino chegasse até os alunos, tudo aconteceu muito rápido e o sistema de ensino, os professores, os estudantes e suas famílias tiveram que se adaptar.

O ensino remoto não traz à possibilidade de adequação a rotina do estudante, ele acontece no horário definido pelo sistema educacional de cada local, com as ferramentas virtuais definidas pelo sistema, e nem todos podem ter acesso a esse ensino por diferentes razões, e a principal delas é a inclusão digital que não inclui todo mundo, e muitos estudantes acabam ficando de fora, ou seja, é uma medida de emergência para fornecer o ensino, e apesar de nem todos conseguirem acesso, até funciona para os que conseguem.

O ERE trata de uma abordagem temporária e imediata, onde foi preciso a disponibilização de maneira acelerada de conteúdo online, e, portanto, não deve ser confundida com um ensino preparado em longo prazo, que é o caso do EaD, um tipo de ensino característico para adultos voltados para cursos técnicos; graduação e pós-graduação ofertado de maneira online.

Algo que se caracteriza como um ponto em desfavor do ERE, é a questão de ser taxado como sem qualidade devido a forma apressada com a qual é implantado, fato que acontece também como o EaD, que apesar de ser bem planejado, em muitos casos sofre com o estigma de ser inferior em termos de qualidade, frente ao ensino presencial, porém com o ERE a explicação já se encontra no nome da modalidade, é uma solução de emergência diante de uma crise, um

desastre, um problema, diante do qual os sujeitos não estão preparados, mas precisam realizar. E essa situação de pandemia e necessidade de maior abertura do ensino online, pode fazer com que a ideia de má qualidade do EaD aumente, justamente porque tende a se pensar que o ensino remoto emergencial e o ensino a distância são a mesma coisa.

O ensino a distância carrega o estigma de ter qualidade inferior ao aprendizado presencial, apesar de algumas pesquisas mostrarem o contrário. O movimento apressado de transferência para o formato on-line adotado por tantas instituições pode selar a percepção do ensino a distância como opção medíocre, quando, na verdade, a transição para o ensino on-line nessas circunstâncias não visa ao máximo aproveitamento das potencialidades desse formato. (Hodges et al. 2020, p.93).

Outra modalidade de ensino que ganhou mais notoriedade durante a pandemia, e de certa forma pode até se tornar legado de toda essa crise, é o Ensino Híbrido. Esse modelo já era utilizado tanto na educação básica quanto nas instituições de ensino superior, mas com a urgência de se fazer educação durante a pandemia, se tornou mais comum. De maneira geral, o ensino híbrido combina, em sua pedagogia, métodos de ensino e de aprendizagem presenciais e virtuais (SOUZA et al., 2019; NOVAIS, 2017; CASTRO et al., 2015), ou seja, como o próprio nome já indica, é a união de duas modalidades, a presencial e a distância ou digital.

[...] um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou o ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial, na escola. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 52).

Esse tipo de ensino tenta unir o melhor de dois mundos, ou seja, as práticas de maior qualidade do ensino a distância e do ensino presencial, mesclando momentos em que o estudante estuda individualmente de forma virtual, com momentos em que o aprendizado acontece de maneira presencial, prezando pela interação entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. A tecnologia se tornou muito presente na vida das pessoas e com isso os estudantes vivem envoltos nela em muitos aspectos, o que o ensino híbrido faz é justamente unir o processo educativo a tecnologia, algo cada vez mais comum, pois os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes nas salas de aula presenciais auxiliando no ensino, um ponto que inclusive pode gerar discussões, pois pode passar a impressão de que todo ensino é híbrido.

Contudo, esse novo método de ensino tem sido objeto de diversas controvérsias. A primeira é em razão do fato de o ensino presencial já fazer uso do ambiente virtual, e vice-versa, o que sugere que todo ensino é híbrido, já que em algum momento do processo é possível observar a convergência entre aqueles dois ambientes (MORAN, 2015; MACDONALD, 2018).

A questão é que a modalidade híbrida faz essa interação entre tecnologia e educação de maneira organizada, utilizando-se de metodologias específicas, necessitando de ajustes no currículo, na infraestrutura da escola, pensar na formação de professores, nas práticas pedagógicas, além da familiarização com as tecnologias que serão utilizadas nesse processo, tanto pelos professores quanto pelos alunos, ou seja, é um pouco do EaD com o presencial. A pandemia obrigou os professores e sistemas de educação a se reinventarem para possibilitar o acesso ao ensino nesse período de emergência, e o uso do ensino online se tornou a melhor opção e possivelmente no pós-pandemia as ferramentas virtuais para o trabalho docente tendem a ser muito mais utilizadas, as possibilidades desse meio muito mais aproveitadas, apesar de que a necessidade do uso das tecnologias para o ensino nesse período, mostrou a desigualdade social no país em relação a inclusão digital.

Durante a pandemia, foi necessária mudança na continuidade do planejamento das aulas que tinha uma perspectiva presencial em um espaço físico pensado e adequado para o ensino presencial, onde se tinha a interação física e corporal, aflorando a coletividade, mas passou por uma mudança drástica e repentina, na qual mudava não apenas a vida dos professores, mas dos alunos e da família em si. Com isso, novas medidas foram adotadas para amenizar os impactos na Educação, que a COVID-19 de forma crescente estabelecia em toda esfera global.

Repentinamente, devido à pandemia do Covid-19, professores, tiveram que adaptar seus planos de aula, focar seus saberes em novas estratégias, montaram todo um sistema de educação obrigatória à distância para efetivar sua atividade fim que é a docência, adaptando os espaços da sala de suas residências, tornando-os uma sala de aula (ROSA, 2020.p.2).

Dessa maneira, o corpo docente tenta se adaptar aos mecanismos que tem como intuito, colaborar para fomentar os novos tempos. A pandemia, além de estabelecer novas ferramentas para o ensino, também realçou um elo fundamental para o ensino e aprendizagem das crianças, a relação entre família e escola. Devido o distanciamento social, as crianças não poderiam frequentar a escola, e dessa forma as aulas eram ministradas através das tecnologias, mediada por vídeo aulas produzidas pelos professores e auxiliadas pelos pais ou responsáveis em seus domicílios denominados como Ensino Remoto, regulamentado pela LEI N° 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020.

Segundo ROSA (2020) “professores em regime de urgência tiveram que dominar ferramentas do Google Meet⁴, plataforma Moodle⁵, Bigbluebutton⁶, chats⁷ e lives⁸, vivenciando um processo de formação continuada, instantâneo e colaborativo” (p.2), tendo assim um ensino mediado pelas tecnologias nessa nova jornada da educação, neste contexto a autora

ressalta:

Mudanças em educação com a quebra de paradigmas, não constituem novidades, passamos de um modelo tradicional de simples recepção de conteúdo, para o “aprender a aprender” que condiz com a postura ativa do aprendiz. Também se preconiza a primazia da metacognição, capacidade do controle da própria atividade cognitiva, que deve sobrepor a simples capacidade de adquirir um determinado conhecimento. (p.3).

A pandemia traz discussões sobre um ensino que se solidifica em métodos tradicionais com uma postura muito rígida a um mecanismo único, sendo necessário mudar os olhares para a atualidade, e todos os mecanismos que proporcionem uma adequação para a aprendizagem. Mudanças são necessárias e novas ferramentas irão surgir no decorrer do processo, para isso, é fundamental a qualificação e uma formação continuada para o corpo docente.

Em contrapartida, FRIGOTTO (2021) elucida o capitalismo no âmbito da educação no período de pandemia, pois neste período foram adotadas políticas neoliberais como a “tecnologia” como forma de solucionar as aulas de maneira não presenciais, entretanto, é realizado uma valorização no mercado dos aparelhos tecnológicos. O autor cita que:

No contexto e políticas neoliberais surgiu um novo vocabulário no campo da educação cujo sentido social é oposto do sentido que quer passar. Assim, as expressões sociedade do conhecimento e sociedade tecnológica buscam formar o senso comum de que agora todos podem apropriar-se do conhecimento e da tecnologia quando, na verdade, o conhecimento científico e tecnológico se tornou a força produtiva privada do capital e, portanto, contra o conjunto da classe trabalhadora do campo e da cidade. (FRIGOTTO, 2021, p.643).

Na perspectiva social, esse contexto de sociedade tecnológica realçou a desigualdade entre classes, monopolizando-as, sendo que nem todos possuem a mesma oportunidade e condições de acesso, FRIGOTTO (2021) ainda evidencia que:

No campo da educação a pandemia da Covid-19 explicitou de forma clara a fetichização da tecnologia. Primeiro, passando a ideia de que a tecnologia estaria ao alcance de todos e, segundo, que mediante o trabalho remoto ou híbrido resolveríamos o déficit educacional e teríamos uma educação melhor. (P.643).

Baseando-se nestas vertentes dos autores é possível analisar a “educação tecnológica” durante o período pandêmico de duas maneiras, como um mecanismo que possibilita uma amplitude na diversidade do aprender, amplificando as habilidades e construindo novos caminhos para o conhecimento, no entanto, tudo que se apresenta como novo permeia dois lados sendo eles positivos e negativos. Ao mesmo tempo em que esse universo tecnológico adentra as salas de aulas como algo inovador, que irá trazer uma solução imediata para a suspensão das aulas presenciais, evidencia um problema que a sociedade vive dia após dia, que é a desigualdade social, onde nem todos possuem acesso a aparelhos tecnológicos, internet, e que em uma conjuntura capitalista realça o “ter” sem contar com o “poder de aquisição” causando a

exclusão. Nesta perspectiva, o autor LIBÂNEO, (2012, p.133), descreve que “a educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social”.

Em meio ao sistema capitalista que permeia o campo educacional, cria-se uma conjuntura desfigurada do papel do professor, fazendo com que o uso da tecnologia se sobressaia a todo conhecimento científico mediado pelos docentes. É de suma importância a adaptação de mecanismos que corrobore para o ensino e aprendizagem das crianças, entretanto, é necessário compreender a realidade de cada sociedade e entender que o processo de conhecimento vai muito além de um play na tela de um aparelho tecnológico, é necessário partir do eixo educacional para a construção da cidadania, superando a desigualdade social que a cada momento cresce em nosso país.

3.1 COMPREENDER O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO PARA ENTENDER AS NECESSIDADES DA ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA.

Muito se discute sobre a importância de alfabetizar, no entanto, em meio ao cenário que estamos vivendo é necessário compreender todos os conceitos de alfabetização para entender as necessidades de alfabetizar perante a pandemia, em um contexto totalmente modificado do seu habitual.

O conceito de alfabetização ao longo do tempo passou por modificações, e consequentemente é entendido de diferentes maneiras. No Brasil, eram consideradas, inicialmente como pessoas alfabetizadas aquelas que diziam saber ler, escrever e fazer o próprio nome, depois passou a ser consideradas aquelas que eram capazes de fazer a leitura e a escrita de textos curtos, demonstrando que estar alfabetizado demandava o uso social dessa habilidade.

Ela já expressa um critério para definir quem é alfabetizado ou analfabeto que avança em relação ao critério de apenas saber escrever o nome: definir como analfabeto aquele que não sabe ler e escrever um bilhete simples indica já uma preocupação com os usos sociais da escrita, aproxima-se, pois, do conceito de letramento, e revela uma outra expectativa com relação ao alfabetizado - uma expectativa de que seja também letrado. (Soares, 1999, p.1).

Etimologicamente, “alfabetizar” significa ensinar a ler e a escrever (Soares, 1999, p.1), e uma das principais definições de alfabetizar é que esta seja o processo de adquirir as habilidades do código escrito, da leitura e da escrita, o que faz com que seja um processo de codificação e decodificação, ou seja, codificar a linguagem oral em escrita e decodificar a linguagem escrita

em oral; seria uma representação de grafemas (escrever) em fonemas (ler) e vice versa; (Soares 2006, p.15).

Em outra perspectiva, o processo de alfabetização é mais do que saber ler escrever, tem a ver com desenvolver habilidades para compreender e expressar a linguagem, sendo assim, não bastaria apenas o indivíduo ter o domínio da leitura e escrita, se não souber o que elas significam (Kramer,1986, p.17), o que acaba jogando luz sobre um dos problemas em relação a alfabetização no país, mostrando que acessar o mundo da escrita necessita mais do que aprender a leitura e a escrita, que o conceito de alfabetizar vai muito além de um processo de associação entre sons e letras.

É comum que muitos indivíduos saibam ler e escrever, mas não consigam ter um entendimento do que leram, ou aqueles que sabem a leitura e a escrita, compreendem o que foi lido, mas não conseguem elaborar uma produção textual. Compreende-se assim, que um indivíduo alfabetizado precisa não só saber ler e escrever, mas, entender o seu uso nas práticas sociais, e levando isso para o ambiente escolar, o aluno precisa adquirir e compreender diferentes habilidades que o possibilitem utilizar a leitura e a escrita em situações sociais, já que a sociedade se tornou praticamente grafocêntrica, cheias de símbolos, que a criança já começa a ter acesso desde muito cedo, na televisão, nas embalagens de produtos, nas roupas, na rua, fazendo com que seja necessário durante o processo de alfabetização, que o aluno aprenda além de ler e escrever, interpretar e assimilar informações.

Alfabetizar não pressupõe um processo mecânico de memorização de sílabas, mas implica entender o que se lê e escrever o que se quer. Alfabetizar é propor métodos de ensino que seja apropriado a desenvolver as habilidades do aluno; alfabetizar não se resume em fazer o aluno a memorizar os conteúdos, mas fazer com que ele entenda o que foi repassado. (Russo, 2012, p. 108).

A ideia de que a alfabetização se trata de aquisição de um código e que a escrita é o ato de transcrever o que é falado divide opiniões, pois, segundo Ferreiro (1985), é colocar o aprendizado como obtenção de uma técnica, bastando que o sujeito decodifique os símbolos gráficos para tornar-se um leitor.

Alfabetização para teóricos como Paulo Freire, está ligada a questão da leitura de mundo, pois como mencionado anteriormente, a criança está cercada por um contexto de sociedade grafocêntrica, e como o próprio Freire (1988) traz “a leitura de mundo, antecede a leitura da palavra”, portanto a alfabetização não poderia se basear apenas no aprendizado mecânico, codificando e decodificando sem que seja de maneira significativa, contextual, sem uma leitura da realidade. Pensando nessa perspectiva de que alfabetizar é mais do que a aquisição das

tecnologias escritas, têm-se o termo Letramento, para designar o indivíduo que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita, que se apropria das práticas envolvendo esses elementos.

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (Soares, 1999).

Inicialmente, pode parecer que há uma grande separação entre os dois termos por serem diferentes, porém eles são indissociáveis, e a concepção de alfabetizar-letrando é um ponto discutido por diversos autores como o ideal, pois seria um processo de aprendizagem em que a criança estaria tendo acesso aos códigos da escrita e leitura e aprendendo a usá-los socialmente.

O modo de interpretar a alfabetização pode variar nas sociedades, regiões, condições sociais, podendo ser consideradas diferentes necessidades para ela, principalmente devido a esse caráter de aprender a ler e escrever, onde para alguém da classe trabalhadora adquirir os códigos da escrita tem um peso e uma finalidade diferente, sendo para muitos um meio de se sentir “gente”, incluído na sociedade escrita.

Lidar com o processo de alfabetização é um desafio para os professores, pois, envolve muitas variáveis, cobranças de quando a criança deve ou não estar alfabetizada, os tempos de aprendizagem de cada uma, os métodos utilizados para que o aluno aprenda a leitura e a escrita, lidar com o fracasso e a evasão escolar, pois muitos alunos repetem de ano ou simplesmente passam para as series seguintes sem saber ler e escrever corretamente, e quando o sabem, não conseguem realizar uma interpretação, fazer o uso desses elementos nas práticas sociais.

Os professores terem consciência da importância da alfabetização é um passo importante para que os alunos sejam alfabetizados da melhor maneira, contribuindo para a diminuição do número de analfabetos no país e não para o crescimento, no entanto, no processo de alfabetização não é importante a participação e responsabilização apenas do professor, mas do próprio aluno, da família, da escola como todo.

Diante disso, pensar no processo de alfabetização de crianças no período de pandemia, através do ensino remoto é complexo e um tanto quanto preocupante, pois, esse processo necessita de uma mediação intensa já que os alunos ainda não lidam de maneira autônoma com a leitura e a escrita, precisando da participação do professor, dos outros colegas, pois a sala de aula se configura como um espaço onde ocorrem as interações.

A alfabetização é um assunto de extrema importância para qualquer país, inclusive para o Brasil que possui altas taxas de analfabetismo segundo o censo IBGE de 2010, e as mudanças provocadas pela pandemia do novo Coronavírus, colocaram mais ainda esse tema em evidência entre os educadores, principalmente os professores alfabetizadores.

A pandemia causou muitas mudanças na vida social e particular das pessoas, o isolamento social alterou as rotinas de trabalho, lazer, os meios de produzir dos indivíduos, e a escola também tiveram que mudar para garantir o acesso dos alunos e a segurança da comunidade escolar, sendo implantado como solução emergencial o Ensino Remoto, que como foi dito anteriormente, foi uma medida imediata que pegou todos os envolvidos despreparados, e acabou dividindo mais ainda a responsabilidade da educação dos estudantes entre a família e a escola, mas além disso, partilhou também os sentimentos e emoções advindos dessa nova realidade.

Para os estudantes e docentes da educação básica todo esse processo tem sido bastante desafiador, pois envolve várias questões, principalmente pelo fato do Brasil ser um país repleto de desigualdades sociais, e isso terem grande influência na forma como esse ensino remoto está sendo acessado e se está sendo acessado por todos.

Entre as questões que foram colocadas em evidência, a primeira delas se trata do abismo consideravelmente grande entre as realidades das escolas públicas e particulares, pois enquanto o ensino particular teve apoio tecnológico, materiais e estruturas melhores, que deram plenas condições de atendimento aos estudantes, muitas instituições públicas espalhadas pelo país, não dispunham dos recursos necessários para o acesso dos alunos ao ensino remoto, deixando escancaradas as diferenças socioeconômicas do Brasil, inclusive diferenças regionais.

O que se viu ao longo de 2020 foi que a COVID-19 colocou ainda mais em evidência a desigualdade social no nosso país. O contexto atual explicita as incertezas advindas da vulnerabilidade em que nossa sociedade se encontra [...] As desigualdades sociais no Brasil, vem aumentando nas últimas décadas (NERI, 2019) e com o surto da COVID-19 este cenário se escancara, revelando o retrato das mazelas urbanas e seus diferentes grupos sociais, destacando o poder aquisitivo cultural, educacional, econômico e político da população brasileira. (Ferreira, Ferreira e Zen, 2020, p.287).

Um dos principais pontos, se não o principal, é que os professores não se sentiram preparados para lidar com a tecnologia que foi agregada ao trabalho docente para que o ensino fosse possível, “Nas redes municipais, mais de 70% não tinham utilizado nenhuma ferramenta ou metodologia online com seus alunos. E elas viram que os professores não sabem como utilizar bem essas ferramentas” (DALLAGNELLO, 2020). O ensino remoto é de certa forma, desconhecido para a maioria das pessoas que participam do processo de ensino aprendizagem, e

a adaptação a essa nova modalidade foi difícil tanto para quem organiza, trabalha com o ensino, quanto para os estudantes e suas famílias, que também fazem parte desse processo, a necessidade de adaptação a tudo que envolve essa maneira nova de ensinar fez com que o ser docente, as metodologias, o ser estudante, tudo que todos já estavam acostumados, tivesse que ser reinventado.

O ensino remoto é um desafio para todas as modalidades de ensino, mas no caso da alfabetização é um desafio um pouco maior, por esse ser um período que necessita de um acolhimento, de uma interação mais próxima com os alunos, uma maior orientação, um bom planejamento, diferentes abordagens e diante da urgência do ERE, não houve tempo para nada disso. Os professores se viram diante de uma parada brusca no modo tradicional e foram jogados num novo jeito de promover o ensino.

Alfabetizar exige afetividade, interação entre pares, jogos, brincadeiras, leituras, conversas, dramatizações, registros diversos, livros e outros materiais, portanto, como garantir que essas atividades ocorram de modo à distância? Muitas dessas atividades, associadas às interações entre as crianças e entre as crianças e os professores, requerem a observação, participação complementação e intervenção dos professores, para se garantir e ampliar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a aula remota é um padrão que não permite este gerenciamento pedagógico e essa observação fundamental para se avançar no processo de alfabetização. (ABALf, 2020, p. 1).

Alfabetizar através do ensino remoto fez com os professores realizassem grandes esforços para conseguir o mínimo, pois como já foi dito, muitos professores não tinham ideia de como manipular os meios tecnológicos para chegar até os alunos, além do problema de acesso ou de qualidade da internet e a falta de dispositivos eletrônicos, que atingiu os dois lados, tanto professores quanto alunos, no caso dos estudantes muitos domicílios não tinham computadores, notebooks, sequer um celular para que pudessem ter acesso as aulas e os professores, muitos não possuíam computadores, notebooks e foram obrigados a organizar toda a sua prática através de um smartphone.

Segundo Ferreira, Ferreira e Zen (2020, p.284), “a alfabetização como um processo pelo qual a criança passa a apropriar-se das culturas do escrito, próprias da sua língua materna” é mais do que um processo de codificação e decodificação de um sistema, é um meio de incluir o indivíduo no mundo grafocêntrico, o estudante aprende uma língua, que vai lhe possibilitar à leitura, a escrita, a socialização, a comunicação, e, portanto, esse processo necessita de interação.

A aprendizagem é fruto das interações sociais; o desenvolvimento do ser humano justifica-se por tudo aquilo que ele constrói socialmente ao longo de sua história, sendo que a escola é um dos espaços que tem grande representatividade na formação do sujeito. Diante do contexto atual surgem várias indagações e inquietações acerca da

alfabetização e do letramento no formato do ensino não presencial, ou seja, questionam-se, assim, como se pode alfabetizar essas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em tempo de pandemia? (Bastos, 2021, p.2).

O vínculo com o professor durante a alfabetização é imprescindível, os anos iniciais do ensino fundamental tem como uma das características principais o contato próximo entre professor e aluno, é uma relação de confiança, de afeto, muitas vezes até mais próxima do que com os familiares, o que facilita bastante a alfabetização, porque o professor conhece seus alunos, sabe suas dificuldades, está ali todos os dias ao lado da criança, segura sua mão para ajudar a fazer uma letra, uma palavra, lê junto, o professor sabe em qual estágio o seu aluno está, pode observar sua aprendizagem de perto. Para o aluno isso é muito importante, ele confia no professor, no jeito que este ensina e acredita ser esse o único jeito certo, além disso, a interação com os demais colegas, funcionários, é parte importante no processo de alfabetização.

A alfabetização e o letramento são diferentes, mas indissociáveis, portanto ao falar de um é impossível não falar do outro, de nada adianta aprender os códigos da leitura e escrita e não aprender a fazer o uso social deles, o processo de alfabetização assim como todo o ensino, não deve ser baseado na transmissão de conteúdo, mas na contextualização, na experiência.

Para compreender os diferentes usos sociais da escrita, a criança precisa participar de situações variadas que envolvem a escrita, ela precisa ter a oportunidade de participar de diversas práticas sociais de leitura e escrita. E para que isto aconteça, a criança precisa interagir, precisa dialogar, precisa manipular situações que envolvam a escrita e precisa ser acompanhada nesse processo. (Ferreira, Ferreira e Zen, 2020, p. 292).

Sendo assim, o processo de alfabetização já é complexo de ser realizado no ensino presencial, pois tem muitas especificidades, muitos aspectos a serem considerados, e fazer esse trabalho por meio de telas, virtualmente, sem o contato presencial, é uma demanda ainda mais complexa, pois os docentes estão acostumados com suas metodologias de ensino, criam toda uma rotina com os alunos e no ERE já é outra dinâmica, unindo isso ao fato de que muitos professores se sentem despreparados para atuar nesses meios tecnológicos, aumenta ainda mais a complexidade desse fazer docente.

Percebemos que alfabetizar, ou seja, ensinar a língua materna, do modo como a concebemos e acostumamos (presencial) já é demasiadamente difícil pelos minuciosos aspectos específicos existentes, portanto, realizar (tentar) esse mesmo trabalho a partir da educação remota é realizar um outro movimento, porque não é mais o mesmo processo de ensino. Muitas dessas especificidades podem não ser atendidas pelo contexto onde esse ensino se realiza [...]. (Ferreira, Ferreira e Zen, 2020, p.285).

O professor faz o papel de mediador na aprendizagem e com o ensino remoto esse papel meio que se estendeu aos pais, sendo necessária uma maior participação deles na alfabetização

dos seus filhos, pois eles é que estão presencialmente com os estudantes e, portanto podem auxiliar na realização de atividades, ajudar a entender o que foi passado virtualmente, supervisionar o aprendizado, incentivar a criança, ter um compromisso com a proposta pedagógica da escola, mas o que foi percebido é que os professores encontraram muita dificuldade em relação a essa parceria, por motivos de que “muitos pais não tem tempo devido as suas exigências profissionais, dificuldade de uso e acesso as plataformas digitais” (Collelo, 2021, p. 3) e principalmente porque mais uma vez em razão das desigualdades sociais existentes, muitos pais não possuem o estudo suficiente para auxiliar os filhos. Aqueles que o fazem, trazem a ideia de ensinar do mesmo jeito que aprenderam o que pode não ser bem aceito pelas crianças, que como já foi mencionado, muitas pensam que só o professor sabe fazer do jeito certo.

Por sua vez, a confusão entre ensino remoto e ensino domiciliar (também conhecido como homeschooling) gerou incertezas quanto ao papel a ser assumido pela família. Muitos pais, acreditando que deveriam substituir o professor, reagiram ora questionando sua própria competência para ensinar, ora adotando a lógica do “assim aprendi, assim ensinarei”. (Collelo, 2021, p.4,5).

A alfabetização na modalidade remota encontrou muitas variáveis que dificultaram professores, alunos e famílias de exercer seus papéis, pois de surpresa e sem nenhum tempo de preparação, tiveram que transformar as casas em escolas, o espaço doméstico foi “invadido”, e essa invasão mostrou em muitos casos condições desiguais de sobrevivência, sendo outra variável com a qual os professores tiveram que lidar entender as condições socioeconômicas de seus alunos, que nem todos poderiam participar das aulas por que na casa não havia computador ou só tinha um aparelho celular e os pais utilizavam para trabalhar no horário da aula, ou porque muitos moravam em zonas rurais sem acesso à internet, ou distantes demais para que os pais fossem buscar as atividades impressas que a rede pública adotou no período de isolamento, em que juntamente com os momentos online, os estudantes recebiam da escola material impresso para realizar as atividades, a partir da explicação do professor nas plataformas digitais, e no momento definido por estes, as atividades seriam devolvidas.

Outro ponto em questão se trata do tempo em que os alunos ficam diante da tela, pois muitas escolas entenderam que aplicar o ensino remoto seria apenas transpor o que se fazia no presencial para o virtual e determinou o mesmo tempo de aula em sala, para a criança ficar em frente ao computador ou smartphone, e acabaram até atendendo a expectativa dos pais que, já que os filhos estariam em casa, queriam mantê-los o maior tempo possível ocupados. Porém, o período máximo de atenção muda em cada faixa etária, o tempo de concentração aumenta conforme a idade vai aumentando, conseqüentemente o estudante com idade menor tem um tempo menor de concentração.

Assegurar a atenção da criança durante muito tempo em aulas não presenciais (remotas) tem sido um grande desafio para os professores. A criança tem tempo de concentração por idade, por exemplo, aos 6 anos seu tempo máximo de concentração é de 12 à 30 minutos, aos 7 anos 14 à 35 minutos e aos 8 anos é de 16 à 40 minutos. Mediante tal tempo de concentração das crianças e o ensino remoto atual, faz-se necessário que o professor realize atividades que visem a favorecer o desenvolvimento de concentração da criança, atividades estimulantes com jogos, brincadeiras, curiosidades, atividades divertidas que chamem a atenção da criança. (Bastos, 2021, p.1,2).

Em razão disso, tal estratégia foi um equívoco, pois as crianças perdem o interesse muito rápido, se elas já perdem o foco na sala de aula, em frente a uma tela por quatro horas isso não seria difícil de acontecer, principalmente levando em conta a faixa etária em que se encontram. E além do mais, o fato do aluno estar ali sentado em frente aquela tela por um período de tempo longo, não quer dizer que estará aprendendo da mesma maneira que o faria estando na escola, pois as realidades são diferentes, o incentivo, as interações que ele teria no espaço escolar são diferentes das que ele tem dentro de casa.

Ao confundir ensino remoto e ensino à distância, muitas famílias e escolas partiram dos pressupostos de autonomia de trabalho e da possibilidade de foco dos alunos nas atividades - competências que não eram possíveis para a maioria das crianças. Os diversos relatos confirmaram que a simples presença dos alunos nos ambientes virtuais não garante a sua adesão, tampouco o mesmo ritmo de aprendizagem que eles costumavam ter em sala de aula. (Collelo, 2021, p.4).

O papel docente nesse contexto de ensino remoto tem mostrado o empenho gigante realizado por eles para possibilitar o ensino aos alunos, e compensar as fragilidades que esse período tem revelado. Um esforço em se apropriar das “parafernálias” tecnológicas que muitos mal conheciam, nos planejamentos, construindo propostas pedagógicas, elaborando atividades adequadas para o momento, metodologias diferenciadas para manter o interesse do aluno e essencialmente, a procura por melhorar os meios de interação com os alunos, que nessa fase da aprendizagem é muito importante, além de lidar com os sentimentos provenientes disso tudo, porque apesar de na maioria das vezes se comportarem como heróis, no fim são humanos.

É um momento onde muitos discursos surgem afirmando que tudo está correndo bem, mas só quem está vivenciando a experiência de alfabetizar em meio a uma pandemia, através de uma tela, para alunos que nem se sabe se estão ali realmente, conhece as dificuldades e a angústia, logo o professor (a), que costumava se ver diante de uma sala cheia, percebe como o ensino virtual pode muitas vezes ser solitário.

As dificuldades, no entanto, nem sempre são admitidas pelos diferentes discursos. No confronto entre o dito e o vivido, que transparece em diversos canais e depoimentos, há o discurso tranquilizador voltado para a sociedade com a mensagem de que “estamos no controle da situação” (diga-se de passagem, um postulado conveniente tanto para as escolas particulares - que procuram assegurar as matrículas - como para as instâncias

públicas - em função do ano eleitoral); mas há, também, o discurso angustiado, que reflete bem as apreensões daqueles que estão à frente do ensino. (Collelo, 2021, p.6).

Além de todos os outros aspectos, a falta do vínculo, da interação dos alunos com os (as) alfabetizadores (as) é um dos pontos que mais dificulta o processo de alfabetização através do ensino remoto, não é só ensinar a codificar e decodificar símbolos tem todo um processo envolvendo dedicação, compromisso, busca por estratégias que possibilite a aquisição da leitura e escrita, algo que já é muito desafiador e a pandemia tornaram tudo maior e mais difícil. Magda Soares, em entrevista ao *site* Futura, ao falar sobre como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia, destaca que:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, já que o contato educador x educando é importante, para esta fase de escolarização, pois a rotina diária cria um elo de convivência, adaptação e socialização tão essenciais nesse processo didático, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar. (SOARES, 2020).

A ABALf (Associação Brasileira de Alfabetização), ao se posicionar sobre alfabetizar no ensino remoto, também destaca a importância da interação contínua entre professores e alunos para esse período, aponta as especificidades para realizar um ensino online e que por mais que as tecnologias possibilitem muitas coisas, algumas elas não conseguem:

É preciso considerar que trabalho/aulas/atividades remotas, a dita “educação a distância”, requer tutores on-line, formação docente específica, plataformas on-line, material didático específico e público com conhecimento mínimo e condições de acesso à rede de Internet e dispositivos didáticos virtuais, o que não cabe nem na legislação nem nas realidades da maior parte dos alunos da educação básica no Brasil. A isso soma-se a etapa da alfabetização, que requer processo específico de interação constante entre professores e alunos, de modo que as ferramentas digitais apresentam limitação nesse sentido.” (ABALf, 2020 p. 1).

O ERE não se configura como a melhor opção para realizar o ensino, mas foi a opção que coube no que o momento exigia, e fazer julgamentos sobre o trabalho que está sendo feito pelos professores é injusto, pois eles estão fazendo o melhor com o que lhes foi dado, que considerando a forma como foram jogados nessa realidade, foi bem pouco. No entanto, existe a preocupação quanto ao desenvolvimento dos alunos no processo de alfabetização, que é o momento de contato do aluno com a escrita e a leitura, se realmente o ERE é uma alternativa que traz um aprendizado satisfatório.

O ensino remoto de certa forma manteve o contato da criança com a escola, possibilitou uma maior participação dos pais na aprendizagem dos filhos, e conseqüentemente uma relação mais próxima da escola com a família e fez com que a educação não parasse, mas em contrapartida, tirou os professores, pais e alunos da zona de “conforto” do ensino presencial e os jogou em um mundo desconhecido sem muitos meios de “sobrevivência”, diminuiu as possibilidades dos estudantes participarem de práticas coletivas de leitura e escrita, e retirou parte essencial da alfabetização, que é a presença e proximidade entre educadores e educandos.

Em síntese, alfabetizar no contexto em que se impôs de forma rápida e inesperadamente é complexo e demanda certa reorganização do corpo docente para que dê seguimento no ensino e aprendizagem das crianças, entendendo o conceito de alfabetização é possível criar estratégias para seguir com a práxis perante o período pandêmico, porém, a mediação entre professores e alunos fisicamente não será efetiva, pois esta está excluída no momento atual.

4.0 METODOLOGIA

O presente trabalho monográfico é de cunho exploratório, com abordagem qualitativa, que visa proporcionar uma maior familiaridade com o problema, propondo torná-lo explícito e possibilitando a construção de hipóteses.

Segundo GIL (2008, p.27), a pesquisa exploratória “tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias”. O autor ainda afirma que esse tipo de pesquisa tem o objetivo de “proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Já na perspectiva qualitativa, tem-se o campo interdisciplinar, sendo um método de investigação científica que tem como foco o caráter subjetivo do objeto a ser analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, possibilitando assim, um melhor desencadeamento da pesquisa. Tendo como método, o estudo de caso que permite analisar aspectos variáveis de determinados grupos e contextos, que, segundo GIL (2002, p.54), *idem*, (Yin, 2001) o estudo de caso é visto como “o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”, sendo este, o método que permite um delineamento para suprir a problemática da pesquisa.



*Crédito da foto: [Prefeitura de Amargosa](#)

A pesquisa foi realizada no município de Amargosa – BA, região que antes era dominada pelos povos indígenas Sapuyas e Kariris até o final do século XIX, e após muitas lutas os povos indígenas acabaram perdendo seu território para os colonizadores, sendo um grupo preso e transferido para cidade de Jequié em seguida para Santa Cruz de Cabrália. Após este período, por

volta de 1840 começou a se formar o novo povoado mais conhecido como vila, a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho das Amargosas, com as famílias Gonçalo Correia Caldas e Francisco José da Costa Moreira, sendo que em 19 de junho de 1891, Amargosa deixa de ser conhecida como vila e passa a condição de cidade assinado pelo então Governador do Estado da Bahia, José Gonçalves da Silva. Sendo sancionada através da sessão solene do Conselho Municipal em 02 de julho de 1891, possuindo 130 anos de emancipação política, o nome da cidade é inspirado em uma espécie de pomba comum da região de cor pardo cinzento, sua carne é amarga, porém muito saborosa, o que atraía a caça pela espécie⁴. Amargosa atualmente possui uma estimativa segundo o IBGE de 37.631 pessoas residindo no Município⁵.

A pesquisa foi realizada com duas professoras alfabetizadoras atuantes no ensino público, sendo uma docente da escola do campo e outra da escola urbana no Município de Amargosa-BA, durante o ensino remoto, que são residentes no município, com tempo de atuação de 5 anos e 12 anos na docência. As colaboradoras desta pesquisa estarão identificadas por nomes fictícios no intuito de preservar suas identidades, os nomes os quais irei reportar-me a elas serão Bromélia e Margarida.

Para a coleta de dados, o instrumento utilizado será a entrevista, realizada com duas professoras alfabetizadoras atuantes no Município de Amargosa. Vale salientar que em meio às circunstâncias atuais a entrevista foi realizada através de videoconferência, na perspectiva de compreender as estratégias utilizadas pelos docentes na alfabetização durante o ensino remoto e ao mesmo tempo garantir os protocolos de biossegurança. Foi necessário fazer uma análise documental, pesquisas em sites oficiais e uma revisão da literatura para conceituar as principais categorias fundantes deste estudo.

Os dados adquiridos através da entrevista nos possibilitam ir além das hipóteses e compreender suas vivências através da interação entre entrevistador e entrevistado, FRASER (2004), afirma que:

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos autores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objeto é conhecer como as pessoas percebem o mundo. (p.140).

Assim como a entrevista, a análise documental foi fundamental para alcançar os objetivos, através dos documentos foi possível evidenciar dados fundamentais para representação da ação adotada no contexto da pesquisa.

⁴Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/cfp/amargosa-cidade-jardim>.

⁵Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/amargosa/panorama>

A documentação trabalha com documentos, a análise de conteúdo com mensagens (comunicação); a análise documental faz-se principalmente por classificação indexação, a análise categorial temática, é entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo. O objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem, o da análise de conteúdo, é a manipulação da mensagem (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 1977, p.46).

Na etapa de análise de dados, partiremos não apenas no intuito de fragmentar o conteúdo da entrevista, mas sim, um aprofundamento dos dados produzidos, pois, os dados são os resultados finais obtidos no processo empírico, onde será realizada uma seleção minuciosa dos dados. A análise de dados terá a análise de conteúdo em evidência. O recorte temporal da pesquisa é concentrado, em grande parte, nos anos de 2020 e 2021.

BARDIN (2011, p 182) refere que a análise do conteúdo se dá por três fases sendo elas: “pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados a inferência e a interpretação”. O termo Análise de Conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (CÂMARA, 2001, p. 182 apud BARDIN, 2011, p. 47).

O procedimento utilizado para recolha de dados foi à entrevista semiestruturada. Para realizar a análise os dados, inicialmente as entrevistas serão transcritas, depois será feita uma leitura de todo o material identificando elementos pertinentes à pesquisa, tendo assim a primeira fase que é a pré-análise. Em seguida será feita uma nova leitura dividindo assim em categorias, sendo exercida a segunda fase da análise que é exploração do material e tratamento dos resultados a inferência e assim podendo fazer uma edição da entrevista. Na terceira fase que é a interpretação, a partir dos recortes será analisado tudo o que for pertinente e assim iniciar um diálogo entre os recortes, ou seja, a sistematização das ideias, levantamento de hipóteses dos objetos definidos, documentos coletados e os teóricos pautados em três eixos bases: cenário, ator e ações.

Desta maneira, pretende-se a partir da análise dos dados obtidos por meio dos instrumentos metodológicos, alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa.

5.0 ANÁLISE DE DADOS

Mediante o cenário em que o mundo foi acometido por um vírus até o momento inexistente em seres humanos, sendo que no final do ano de 2019 foi detectável em pessoas, o qual teve o seu primeiro caso em uma cidade da China, e foi se estabelecendo em países vizinhos até obter uma proporção geograficamente ampla, o que acabou gerando mudanças em todo o mundo. Tais mudanças afetaram diversas esferas, sendo que esta pesquisa está voltada para a esfera educacional, que teve o impacto direto causado pela pandemia. Os impactos da pandemia na educação tiveram consequências no ensino e aprendizagem das crianças, afetando a vida dos professores (as) e alunos (as), e modificando totalmente os processos de alfabetização.

A análise de dados foi desenvolvida a partir da perspectiva de alguns autores como Rosa(2020), Frigotto (2021), Libâneo (2006, 2012 e 2015), Freire (1996), assim como a pesquisa em sites oficiais, que apresentam definições sobre o objetivo central desse estudo de caso. Diante disso, a entrevista foi realizada com duas professoras alfabetizadoras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, de acordo com afirmações anteriores, é importante ressaltar que devido ao pouco tempo, assim como o cenário atual da pandemia, para desenvolver essa pesquisa foi necessário delimitar a quantidade de entrevistadas.

Para análise de dados os resultados foram estruturados por categorias de análise. Foi dividido em três eixos: Cenário, Atores e Ação. No cenário, apresentamos de forma geral o contexto atual da Educação no Município de Amargosa-BA. Na parte referente aos atores, foram especificadas as experiências das docentes perante o cenário. Por fim, a ação, descreve as atividades e estratégias que foram desenvolvidas durante o período de março de 2020 a dezembro de 2021. Em meio a essas categorias serão apresentados trechos das entrevistas que permitem uma compreensão dos aspectos abordados.

De início foi traçada uma linha de raciocínio voltada para realização da entrevista com as docentes, houve o contato com as docentes através do whatsapp, onde foi explicado o objetivo da pesquisa e como ocorreria a entrevista, uma vez em que estamos passando por meio de restrições de contato, foi necessário utilizar meios tecnológicos para finalizar a pesquisa.

5.1 CENÁRIO

Para contextualizar o cenário no qual esta pesquisa foi desenvolvida é necessário compreender como era este mesmo cenário antes do período pandêmico.

O cenário o qual iremos discutir está no âmbito educacional, que em uma conjuntura de educação formal nomeia-se como Escola, um ambiente formado em um modelo padronizado ao

que se refere estrutura física (com muros, grades, salas de aulas com amplitude de até no máximo 25 crianças, espaço de lazer, brinquedoteca, quadra, banheiros, secretaria e copa). Em relação à estrutura física das escolas do município de Amargosa segundo o Plano Municipal de Educação⁶.

A maioria das escolas municipais não tem uma estrutura física adequada para o desenvolvimento de suas atividades de ensino. Na zona rural, esse quadro é ainda mais grave. Muitas salas apresentam o tamanho inadequado para a quantidade de alunos, causando assim desconforto por parte dos docentes e discentes, [...]. Na zona urbana, existem três unidades escolares que não têm uma estrutura adequada para o funcionamento e espaço para a recreação das crianças. Porém, há no município escolas com espaço e estrutura adequados, contudo, as áreas de lazer estão em condições pouco favoráveis para seu uso, [...]. (_____, 2007-2017, p.21).

É pertinente salientar que essa estrutura física em algumas escolas já passou por reformas e reconstruções para se adequar a realidade atual, entretanto algumas permanecem no mesmo padrão da publicação.

O espaço físico é um espaço real que serve de cenário para ação. Entretanto, a escola vai muito além do espaço físico, a escola é um ambiente social onde são construídas identidades através do convívio e experiências das pessoas pertencentes a este “local”, é na escola que desenvolvemos o conhecimento intelectual. Para LIBANÊO (2015, p.3) “As escolas têm por principal objetivo a formação científica e cultural dos alunos visando prepará-los para a vida profissional, cultural e cidadã e, para isso, necessitam de procedimentos e meios organizacionais”. Ainda na perspectiva de LIBANÊO, “O objetivo de educar e ensinar se cumpre pelas atividades pedagógicas, curriculares e docentes, estas, por sua vez, viabilizadas pelas formas de organização e de gestão”.

Um dos princípios nacionais da educação, segundo a Constituição Federal de 1988, é a gestão democrática. Porém, observa-se que a maioria das escolas públicas municipais de Amargosa ainda não colocou em prática esse princípio. O que se percebe nas escolas ainda é uma cultura impregnada pelo autoritarismo, clientelismo e corporativismo. (_____, 2007-2017, p.25).

Mediante a citação acima existe um impasse na gestão das escolas municipais de Amargosa, pois estamos em um regimento democrático, porém a postura impregnada ao um contexto que não condiz com a democracia e que acaba inviabilizando uma boa gestão.

Sendo assim, a escola enquanto estrutura é um espaço de convívio, afetividade, receptividade, é onde irá acolher todos os indivíduos atuantes desse espaço, porém, para que uma

⁶Plano Municipal de Educação regente de 2007-2017, sendo utilizado o mesmo para análise de dados. Referenciado na referência.

escola enquanto instituição seja efetivamente um espaço formal de aprendizagem ela precisa ser bem gerida, mantendo um planejamento pedagógico e didático para que seja desenvolvida uma boa práxis entre docentes e discentes, em sala de aula. Para que esse planejamento seja exercido de uma forma democrática foi desenvolvido no município de Amargosa um Projeto de Políticas Pedagógicas (PPP) no ano de 2005.

Em 2005, foi lançado, como desafio para as escolas, a construção do Projeto Político Pedagógico - PPP, o que causou muita inquietação entre os professores, uma vez que os mesmos não estavam acostumados a lidar com o processo de planejamento participativo. Desta forma, alegaram que o PPP era apenas um papel que tinha como a finalidade ficar guardado na gaveta. Porém, no intuito de desmistificar essa cultura, a equipe da Secretaria de Educação implantou um ciclo de palestras, o qual tratou de temas ligados a importância da participação e da coletividade. Ao final deste trabalho, uma parcela dos professores entendeu a importância da elaboração do PPP por meio da participação e assim iniciou-se esse processo. (_____, 2007-2017, p.25).

O projeto político pedagógico obteve êxito no quesito de desmistificar o autoritarismo, clientelismo, uma postura hierárquica, burocratizada e controladora para uma postura visando o coletivo e com diálogo visando a importância de uma nova postura voltada à gestão democrática de amplo alcance a todos. Segundo LIBÂNEO (2007, p.324), “A gestão escolar é um sistema que une pessoas, considerando o caráter intencional de suas ações e as interações sociais estabelecem entre si e com o contexto sócio-político, nas formas democráticas de tomada de decisões”.

Dentro desse entendimento partiremos para o cenário no qual a pesquisa foi desenvolvida. A cidade de Amargosa é o município escolhido para desenvolver a pesquisa, sendo o âmbito da educação o campo de pesquisa, e como cenário, o ensino remoto durante o período pandêmico no processo de alfabetização, entretanto é necessário entender o cenário de educação presencial para que tenha um entendimento da decorrência do ensino remoto.

A educação no contexto presencial, segundo MENEZES, (2001), é o “Termo utilizado para caracterizar o ensino convencional, tradicional, na qual o professor transmite o conhecimento que possui, através de aulas expositivas, para seus alunos, sempre num local físico, a sala de aula”. O ensino presencial é respaldado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, sendo que o ensino correspondente ao infantil, fundamental devendo ser presencial, tendo o ensino à distância em casos emergenciais.

O ensino no município é exercido de forma presencial baseada na lei da LDB (1996), com finalidades democráticas, seguindo um regimento do PPP e sendo feita as alterações necessárias de acordo com o cenário e os indivíduos atuantes do espaço em si, pois alguns aspectos fazem com que as orientações pedagógicas sejam alteradas constantemente, pois o

âmbito social interfere direta e indiretamente na conjuntura do ensino, pois o indivíduo faz parte do meio, entretanto o meio é manipulável ao indivíduo, o que acarreta as mudanças comportamentais dos indivíduos.

No município de Amargosa segundo o Plano Municipal de Educação regido de (2007-2017, p.18) “A Rede Escolar do município de Amargosa é composta de 60 estabelecimentos educacionais, distribuídos nas diversas etapas da Educação Básica incluindo a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, abrangendo a Zona Urbana e Rural”.

A Educação no contexto escolar é subdividida em ciclos a partir da faixa etária do indivíduo, sendo que durante os anos foi se adequando e se adaptando aos novos termos. Temos as creches com ensino infantil voltado para as crianças de 0 a 5 anos, são ofertadas ensino em 20 escolas do município com um total de 45 turmas, dessas, 23 turmas estão localizadas na zona urbana e 22 na zona rural, ensino fundamental I que corresponde as séries 1ª a 4ª série com alunos oriundos da creche, fundamental II que corresponde as séries 5ª a 8º ano, com alunos oriundos do ensino fundamental I, ensino médio do 1º ao 3º ano e ensino superior que corresponde a graduação entre outras.

No Município de Amargosa as escolas municipais em sua maioria são concentradas na zona rural, o plano de educação afirma que “a população rural é atendida apenas pela Rede Municipal de Educação” (p.19). A rede estadual está apenas na zona urbana. O plano demonstra que Amargosa possui na zona rural 27 escolas municipais, e na zona urbana 4 estaduais, 7 particulares e 12 escolas municipais, esses números correspondem a Educação Básica do Município.

Diante desse quadro de escolas e um quantitativo grande de escolas na zona rural, o plano traz que no quesito matrículas a educação infantil e o ensino fundamental possuem o maior quantitativo, sendo que na Educação Infantil nas escolas municipais possuem 73% e particulares 27% das matrículas, no ensino fundamental I na rede Municipal possuem 82%, nas Estaduais 11% e particulares 7%, no ensino fundamental II matrículas em escolas municipais 19%, estaduais 75% e particulares 6%, já no ensino médio o município não possui nenhuma rede de ensino municipal, este ensino fica a cargo da rede estadual com um percentual de 91% e as particulares com 9% das matrículas, esses dados correspondem ao ano de 2006 no PME do município com vigência de 2007 a 2017.

Mesmo em uma conjuntura democrática o aspecto do “clientelismo” é uma forma de mapear a busca pelo ensino, e como esse ensino está sendo gerido, pois para se obter resultados, sendo eles negativos ou positivos, é necessário analisar o quantitativo, pois os dados acima mostra mais quantidades de escolas e as quantidades de matrículas efetuadas nos respectivos

anos. Para se ter um comparativo de dados é necessário analisar anos anteriores para se ter um parâmetro entre o percentual e o que muda no contexto da democracia, nesse sentido de “clientelismo” é as condutas a serem tomadas após a análise, ou seja, o ensino se transforma e se adapta a novos termos correspondente ao cenário.

Entendendo o cenário ativo de ensino que corresponde ao ensino presencial, com um cenário próprio que é a sala de aula, com o professor mediando o conhecimento e efetivando uma práxis entre aluno e professor, partiremos para o cenário atual, nomeado como ensino remoto.

O ensino não-presencial é permitido pela LDB (1996), em casos emergenciais e/ou como forma de complementação da aprendizagem, porém o cenário atual não foi pensado nem se quer imaginado que iria acontecer ou que iria mudar todo o contexto de ensino nos Municípios, Capitais, Estados, País e Mundo, já evidenciado nos escritos anteriores desse texto.

O cenário sofre a mudança de ensino presencial para o ensino remoto, tal mudança se deu no início do ano letivo de 2020 ocasionado pelo vírus SARS-CoV-2, nomeado como COVID-19. Tal situação não presenciada até o momento no município de Amargosa, como relata as professoras Bromélia e Margarida (2022) que durante o tempo de atuação na educação “não” tinham se deparado com nenhuma situação semelhante à do atual momento, salientando ainda que “A pandemia causada pelo vírus da Covid – 19 é algo totalmente novo e que nos obriga a reinventar, diante das circunstâncias”.(Bromélia, 2022) e (Margarida, 2022) reafirmaram que “não, em momento algum, essa situação nos viemos viver de 2020 pra cá, uma situação bem triste, bem lamentável, quer dizer de 2019 pra cá”.

O ensino remoto foi desenvolvido através dos meios tecnológicos, onde os professores ministravam suas aulas das suas casas e os alunos assistiam de seus lares por uma tela sendo em sua maioria por um celular e em uma minoria por computadores. Tal medida de ensino foi desenvolvida como forma de minimizar os impactos no ensino e aprendizagem das crianças. Fazendo uma comparação com a forma de ensino presencial, o que altera do formato de escola é a interação e a forma de mediação entre professor e aluno, assim toda centralidade do ensino presencial. Segundo o senso escolar de 2021, o que se refere às matrículas no ensino fundamental II, hoje considerado como ensino fundamental anos finais que é composto do 5º ao 9º ano, evidenciou um relativo aumento do número de matrículas. Entre uma comparação entre 2020 e 2021, em 2020 onde foi o início da pandemia no Brasil, tinha 11.928.415 estudantes foram registrados do 6º ao 9º ano, sendo que em 2021, houve 11.981.950 matrículas nesses mesmos anos. Contudo, ao comparar o quantitativo total tem em si, uma diminuição da matrícula

durante o ano de 2021. O senso escolar mostra que há uma queda nas matrículas durante os anos de 2020 e 2021, período pandêmico, com a oferta de ensino remoto.

Foram contabilizadas 178,4 mil escolas de educação básica no Brasil. Ao todo, foram registradas 46,7 milhões de matrículas – cerca de 627 mil a menos em comparação com 2020, o que corresponde a uma redução de 1,3%. A rede municipal atende à maioria (49,6%) dos alunos. A estadual é a segunda maior (32,2%), seguida pela privada (17,4%). A União (rede federal) é responsável por 0,8% dos alunos matriculados na educação básica. (Senso escolar,2021).

Diante disso, é possível compreender que o ensino remoto manteve uma sequência nos conteúdos programáticos como uma maneira de evitar um atraso nos ciclos de ensino, contudo, não obteve um êxito no quesito quantitativo dos alunos obtendo uma queda nas matrículas. Tal resultado pode ser obtido por vários fatores inclusive o fator social que, nesse período de pandemia evidenciou a desigualdade social que o país já possui em todo seu contexto histórico, porém, não estava explícito.

Perante todo esse cenário foi questionado para as professoras “Diante do cenário que se estabeleceu no mundo inteiro decorrente da COVID-19, o campo da educação sofreu mudanças bem complexas para que os alunos não ficassem sem o ensino, qual a sua concepção em relação a essas mudanças? Obtendo a seguinte resposta:

[...], essas mudanças trouxeram muitas consequências pelo fato da desigualdade que temos. Alguns estudantes não tem condições de participar das aulas síncronas (falta de acesso à internet, falta de aparelho tecnológico, falta de entendimento sobre a plataforma, falta de acompanhamento familiar) e isso acaba afetando o rendimento. (Bromélia, 2022).

Partindo desse ponto de vista, é possível perceber que durante a pandemia realçou-se a desigualdade social que permanece em nosso país e que teve um embate direto com as medidas adotadas para minimizar os impactos da pandemia no cenário da Educação, ainda mantendo um diálogo sobre tais desigualdades sociais, pois o mundo tecnológico já faz parte do cenário educacional, não com a mesma proporção em que a pandemia acabou acarretando, nessa perceptiva Rosa (2020) afirma que:

Além dos colégios estarem sendo equipados com computadores e acesso a internet para utilização dos professores e alunos, os mesmos, no atual momento, precisam necessariamente ter computadores e acesso a internet em suas casas. Entretanto, essa condição é excludente na atualidade para a maioria dos estudantes, devido à questão socioeconômica de grande parte da população brasileira, que gera desigualdades significativas, (ROSA, 2020, P.2).

Desta maneira se evidencia a exclusão que os alunos foram acometidos devido às questões socioeconômicas que afetam diretamente as crianças que fazem parte deste cenário, a professora Margarida reforça essa perspectiva dizendo que:

“[...]todas as dificuldades que a gente professor encontrou e os pais, principalmente os pais, a gente não estava preparados pra isso, o mundo não estava preparado pra isso, então teve que se adaptar, e eu vê que assim é o pior de tudo isso quem foi prejudicado foi as nossas crianças que não tem condições de ter um aparelho, [...]”. (Margarida, 2022).

O cenário foi afetado de diversas formas, o que acarretou em danos no processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois este cenário tecnológico que já fazia parte do contexto escolar mesmo de uma forma primária, se amplia para um uso efetivo que muda por completo o dia-a-dia das pessoas (alunos, professores e pais), pois vai muito além de apenas ter um aparelho, é necessário possuir acesso à internet, uma mediação entre o ensino ofertado pelas “telinhas” e é uma das grandes dificuldades, pois:

Em relação ao acesso o que existe é mais exclusão que inclusão. Dados do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cetic) indicam que 70 milhões de pessoas no Brasil têm acesso precário da internet; 56% acessam por celular sendo que destes, 51% tem celular pré-pago. A fetichização se expressa por um conjunto de palavras de ordem para justificar o ensino remoto ou híbrido: protagonismo juvenil, autonomia para a escolha e, a mais apelativa, o do jovem ou aluno digital, (FRIGOTTO, 2021, P. 643).

Entretanto, esse mecanismo veio como uma forma de minimizar alguns impactos que o distanciamento social impôs, a desigualdade sempre existiu, porém, de uma forma mascarada no contexto do cenário presencial, pois tal mecanismo para quem possuía o acesso tinha um efeito significativo, como a professora Bianca explana, “os estudantes que têm acesso e conseguiu desenvolver e participar da proposta implantada no município teve resultados satisfatórios”. É algo muito satisfatório vê os pais presentes no processo de aprendizagem das crianças e a professora Margarida relata sobre a presença dos pais em sua turma.

[..], graças a Deus que a maioria dos alunos, os pais se esforçaram e os alunos participaram, pelo menos na minha turma não tenho muito o que reclamar, e assim os pais muito presentes, em fim participou, tinha atividades que tinha que ter a participação dos pais eles se engajaram, [...]”. (Margarida, 2022).

O novo cenário que se estabeleceu na educação como forma emergencial de ensino, pensado para um curto período e que se prolongou por mais de 2 anos, trouxe impasses para a gestão escolar, a família, as crianças, o que resultou em pontos positivos, no que se refere a estar apto a mudanças porque a vida não é linear e o sistema está em constante mudança, assim como possibilitou a visibilidade no real contexto social que as nossas crianças estão inseridas, pois

dessa maneira é possível que o poder público crie soluções através de políticas públicas para tais problemas.

5.2 AUTORAS/ COLABORADORAS DA PESQUISA

Com o intuito de atingir o objetivo desta pesquisa, voltada para o âmbito da educação no contexto atual em que estamos vivenciando, as autoras/colaboradoras são duas mulheres, professoras que atuam no Município de Amargosa, residentes na respectiva cidade, sendo elas: Bromélia, Licenciada em Pedagogia, com Pós-graduação em Alfabetização e Letramento, Mestrado em andamento em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA, atuando na rede municipal desde 2017, e Margarida, Licenciada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Especial, o tempo exercido da profissão é de 12 anos.

A pesquisa é realizada com autoras (colaboradoras) que lecionam em escolas públicas, sendo que uma professora leciona em uma escola do campo e outra em uma escola urbana do município, tendo como alunos, filhos e filhas da classe trabalhadora, os quais não compartilham da mesma realidade que os da classe média alta. As autoras desta pesquisa possuem um trabalho árduo no que se refere ao processo de alfabetização, pois são duas realidades totalmente diferentes, ambas possuem a mesma finalidade que é alfabetizar, entretanto o cenário e a formação concreta do processo de alfabetização são diferentes, e durante a pandemia essa conjuntura foi ainda mais complexa, pois as professoras tiveram que se adaptar e se organizar para seguir em frente.

Pensando na perspectiva do educador ter que se adaptar diante dos novos métodos adotados, Freire (1996, p.35), refere que: “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas”. Corroboro deste pensamento, pois é necessário se adaptar em um contexto de aprender para obter mecanismos de intervenção da realidade imposta, não a algo mecanizado que te leva ao comodismo. A pandemia veio de uma forma inesperada, entretanto, ela ocasionou que não apenas os educadores, mas alunos, pais, saíssem de uma “zona de conforto” para aprender de novas formas e alterando a realidade.

Durante a entrevista foi indagado como visualizavam a docência, obtendo as seguintes respostas:

Para mim a docência é uma dádiva né, era o meu sonho ser professora desde garotinha, então ser docente hoje, você exercer essa profissão é, com um pouquinho de amor, onde

é, várias crianças né, estão ali né, dependendo de você para a promoção do conhecimento. (Margarida, 2022).

A fala da professora remete a importância do papel docente na alfabetização, pois o professor alfabetizador é quem introduz o educando no mundo escolar, e a relação entre ambos nesse período diz muito sobre como vai se dar o processo de alfabetização. O ato da docência transcende o ato de apenas ir à escola e construir conhecimento, é muito mais que isso, é ter amor por sua profissão, é entender qual a sua finalidade naquele espaço, e compreender que os comportamentos, métodos, interferem diretamente na vida dos alunos. Nessa perspectiva, Freire (1996, p.35) questiona sobre “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem”, corroborando com o ponto de vista explicitado na fala da docente.

A educadora Bromélia nos remete em sua fala ao ato de ser professor como uma responsabilidade de formar, de educar outro sujeito.

Eu vejo a docência como uma grande responsabilidade. A partir do momento que assumimos o compromisso com a Educação, principalmente a Educação Pública, temos o dever de garantir aos nossos estudantes o conhecimento historicamente acumulado. Isso é, sem dúvidas uma grande responsabilidade, uma vez que o desenvolvimento do indivíduo depende unicamente desse processo. (Bromélia,2022).

Enfatizando essa perspectiva, Freire (1996, p.34) traz que “A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza.” A responsabilidade que o docente possui no processo de ensino e aprendizagem é grande, e durante a alfabetização isso só se intensifica, pois os estudantes criam em relação ao professor alfabetizador sentimentos de confiança, uma interação muito próxima, fazendo com que sua presença seja indispensável para a práxis do processo de alfabetização, portanto, ser responsável pela formação de outro indivíduo é lidar com o seu processo de desenvolvimento.

5.3 AÇÃO

A ação nesse contexto se deu através de mecanismos tecnológicos como forma de suprir a suspensão das aulas presenciais, sendo utilizadas plataformas que permitissem o ensino e aprendizagem das crianças e a interação entre professores e alunos mesmo estando cada um em suas casas.

Ao questionar as professoras sobre quantos alunos tinham em suas classes durante o ensino presencial e se a quantidade permaneceu durante o ensino remoto, foi constatado que na turma da professora Bromélia nas aulas presenciais, “tínhamos na margem de 27 alunos matriculados” sendo que “Esse número permanece! No entanto, não temos como GARANTIR a permanência, por conta da limitação ao acesso aos aparelhos tecnológicos”, já na turma da professora Margarida nas aulas presenciais:

Tinha 18 alunos, só que desses 18 alunos eu tinha da educação infantil, Era de cinco anos, era de quatro anos. Do 1º ano tinha cinco alunos, 2ºano tinha um aluno, 3ºano eu tinha quatro alunos e 4º ano eu tinha quatro alunos. Pois era uma turma multisseriada”, [...], No finalzinho ganhei mais 4 alunos de educação infantil de outra professora com esses 4 alunos fica 22 alunos(Margarida,2022).

Mediante as falas das professoras acima, é notório que o índice de alunos permanece, entretanto, os meios pelos quais estavam sendo “ofertado” o ensino não tinha uma equidade, o que impossibilitava uma garantia de permanência e qualidade do mesmo. Além de que existem dois tipos de ensino nesta pesquisa, sendo uma quase voltada apenas para o processo de alfabetização que tem seu espaço físico na zona urbana e outro ensino que se nomeia como multisseriada, na qual possuem crianças com faixas etárias diferentes, com níveis de escolarização diferentes tendo a docente um papel fundamental, além de alfabetizar ela precisa dar sequência para as crianças que já estão em processo inicial da alfabetização, assim como em processo de letramento o que torna a turma bastante complexa, sem contar que é uma escola do campo, com uma estrutura física totalmente diferente.

Ao questionar as docentes sobre como era ministrar aulas antes da pandemia e como foi durante a pandemia, obteve-se as seguintes respostas das professoras:

Antes da Pandemia, tínhamos um modelo de educação. Um modelo de planejamento, um modelo de metodologia. Durante a pandemia, foi preciso nos adaptarmos ao ensino remoto, que até então não era uma realidade. Está sendo difícil, pois além de enfrentamos as mudanças no processo de Ensino também precisaram lidar com a desigualdade social. O espaço escolar (espaço físico) é para TODOS, sem distinção. Todos tinham o mesmo direito. A desigualdade existe, e no ensino remoto, os estudantes não têm a mesma oportunidade. Isso é uma fatalidade! Teremos uma grande lacuna na aprendizagem desses estudantes. Infelizmente! (Bromélia, 2022).

As mudanças provocadas pela pandemia causaram um impacto na rotina dos professores e alunos, obrigando-os a mudar totalmente suas metodologias para um novo método de ensino, o qual veio com estranheza, pois embora vivemos em um mundo de tecnologias, em que cada dia que passa esse meio tecnológico expande cada vez mais, esses meios não faziam parte da metodologia em si dentro das salas de aulas. Pois ao que se refere no processo de alfabetização,

este parte de uma concepção de interação, mediação através do contato entre professor e aluno, e o que aconteceu foi uma mudança radical, de imediato, que ninguém estava preparado, no entanto foi necessário se organizar, se familiarizar com a nova realidade, para fazer intervenções com os mecanismos que se tinham. A professora Margarida, reforça a dificuldade na mudança do ensino, assim como realça a desigualdade social perante sua turma.

Ministrar aulas antes da pandemia era tudo mais fácil porque o que é primordial para a educação é o contato, contato diretamente que nós temos com os alunos, as intervenções pedagógicas ali feita no momento ali das atividades, no momento ali das aulas. Na sala de ali, então assim tudo era mais fácil, tudo era mais fácil, então os alunos todos participavam, porque tinha como ir para escola, e depois da pandemia, durante a pandemia foi tudo muito difícil, primeiro a gente teve que se adequar a esse modo de ensino a gente teve que correr atrás, aprender muitas coisas, mexer com as ferramentas, é modificar toda nossa rotina de sala de aula pra poder atender nessas aulas remotas. Sem contar que muitos alunos foram prejudicados, não puderam participar porque não tinham o aparelho celular, não tinha internet, se tinha o celular não tinha como participar porque não tinha internet, e as vezes tinha até os dois, mas assim devido os pais trabalharem fora ter que precisar, eu tive, eu atuei e fiquei no multisseriador de educação infantil ao 5º ano, e assim no início foi bem difícil, a gente acompanhar aquela criança, saber o que aquela criança tava aprendendo ou não, foi muito difícil porque a gente não tinha aquele contato direto, a gente não via ali, a gente só tava ali vendo o que a gente via durante as aulas, o que eles mandavam pra gente, não sabia se era o aluno que fazia, se era alguém que tava fazendo pelo aluno, então foi muito complicado, foi mudar toda rotina tanto da gente como dos alunos[..]. (Margarida, 2022).

É observado nas falas de ambas professoras o contexto da desigualdade social como um impasse para que esse novo método de ensino emergencial obtivesse êxito, corroboro deste pensamento, pois o contexto social representa quem são os alunos, e com base nessa realidade não é possível condicionar um ensino eficaz sem que oferte aparatos que possibilite uma equidade entre os alunos e professores, para que o ensino remoto tenha uma abrangência na sua finalidade é necessário que todos possuam acesso a aparelhos tecnológicos assim como acesso à internet.

Em meio a esse universo tecnológico, os colégios começaram a ser equipados com computadores, em sua maior parte nas escolas da zona urbana, porém o acesso é restrito ao planejamento escolar que designam o horário e o momento em que irá acontecer.

Além dos colégios estarem sendo equipados com computadores e acesso a internet para utilização dos professores e alunos, os mesmos, no atual momento, precisam necessariamente ter computadores e acesso a internet em suas casas. Entretanto, essa condição é excludente na atualidade para a maioria dos estudantes, devido à questão socioeconômica de grande parte da população brasileira, que gera desigualdades significativas. (ROSA, 2020, p.2).

Diante do novo cenário, com poucas discussões em relação ao ensino remoto até o momento, é notório que o que mais afetou na ação efetiva desse meio está voltada para a desigualdade social em si, ao observar as falas das docentes através de suas experiências nesses

dois longos anos de pandemia em nosso município. A ação teve sim outros impasses como; ter uma formação continuada dos docentes para uma melhor qualificação no que se refere ao manuseio desses mecanismos, mas os maiores problemas giram em torno de que uma boa parte dos alunos não possuem o acesso a tais mecanismos e internet, causando uma “exclusão” como Rosa (2020) cita acima.

O ensino remoto para o processo de alfabetização é algo que dificulta no desenvolvimento de ensino e aprendizagem, pensando na perspectiva que a criança precisa do processo de interação para o seu desenvolvimento, a professora Bromélia afirma que “Minha opinião é que essa nova forma de ensino foi necessária, mas não é a ideal. Limita. Sabemos que a interação e o convívio social entre pares é fundamental para o desenvolvimento psíquico”. As professoras mencionam como foi conduzido o ensino durante as aulas remotas.

Utilizamos de encontros síncronos através da plataforma do Google meet, com atividades e estratégias didáticas que dessem conta do processo de alfabetização. Procuramos respeitar o limite de tempo, uma vez que na aula on-line, a atenção dos estudantes ficam limitadas. Utilizamos vídeos- aula com conteúdos lúdicos e interativos, gerando engajamento nos alunos. Além disso, o município aderiu a utilização de roteiros pedagógicos, que são enviadas para as famílias que não têm acesso a plataforma com os conteúdos trabalhados. (Bromélia, 2022).

Mediante a fala acima é possível perceber que foi criado mecanismos pedagógicos através das ferramentas que tinham para atuar naquele determinado momento, garantir êxito total é retroceder em toda uma linha democrática de ensino que foi construída ao longo do tempo. É necessário compreender as dificuldades encontradas e trabalhar em conjunto para solucioná-las. Em relação ao questionamento sobre qual foi à maior dificuldade no processo de alfabetizar durante o ensino remoto, obteve-se as seguintes respostas:

Acredito que a maior dificuldade foi e está sendo acompanhar os estudantes. Algumas famílias não participam dos encontros síncronos, não retiram o roteiro pedagógico, não nos dão um retorno sobre as sondagens enviadas e não sabemos a real situação dos alunos. Sabemos que o processo de alfabetização é processual e contínuo, que requer diagnósticos para dar continuidade ao processo. Não receber essa devolutiva para poder intervir é o mais complicado E o pior, não podemos reter esses alunos. Eles são aprovados para a série / ano seguinte com sérias dificuldades. Infelizmente. (Bromélia,2022).

A mediação entre professor e aluno é apontada como uma dificuldade no processo de alfabetização durante o ensino remoto, como ressalta SOARES (2020) “A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização”. Pois, por mais que os mecanismos tecnológicos possibilitem um contato, ele é limitado para se obter um diagnóstico no desenvolvimento

processual, pois embora a conjuntura escolar seja família e escola, a mediação e o contato direto de professor e aluno em sala de aula é bastante efetivo para intervenção direta, no qual possui uma concepção contrária do ensino remoto que o professor fica preso há um tempo limitado pelas telas de celulares, assim como é necessário ter uma ligação entre pais e professores para compreender os déficits dos alunos ao desenvolver as atividades programadas. Magda Soares (2020) menciona em uma entrevista ao site Futura que:

Neste contexto de pandemia, que nos obriga a separar as crianças de seus professores e a descaracterizar o lócus da aprendizagem – não mais a escola, mas o lar – o professor tem de se esforçar para se manter presente por meio de um ensino a distância que possa dar alguma continuidade à aprendizagem a partir de onde o processo foi interrompido, sempre levando em consideração que a criança está em ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, e frequentemente inadequado para a realização de atividades escolares.

Perante os métodos adotados nesse período de pandemia, surgem algumas dificuldades para efetivar a continuação do ensino, para a professora Margarida as dificuldades foram:

Pra mim tiveram muitos percalços, mais a maior dificuldade no processo de alfabetização durante o ensino remoto foi atingir todas as crianças, [...] porque não tinha acesso à internet não tinha celular, [...], Um das dificuldades que eu tive foi também a dos aparelhos não comportavam ainda mais eu que era multisseriada eu tinha que mandar muitos vídeos, muitas coisas, isso também atingiu muito, eu fiquei sem computador então foi muito complicado. (Margarida, 2022).

Para Freire (1996), o ensino não deve estar distante da realidade do aluno, ensinar não é transmitir conhecimento para outro indivíduo, mas entender o contexto onde esse indivíduo está inserido, pois esse contexto gera interferências no aprendizado do sujeito. O fazer pedagógico não atinge o seu ápice se os docentes não exercitarem a empatia para acolher as realidades dos estudantes, até mesmo as necessidades que extrapolam o contexto da escola. Diante disso, Freire (1996, p.69) aponta que “[...] Preciso, agora, saber ou abrir-me a realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela”.

Por outro lado, a professora realça um ponto muito importante que é em relação a escolaridade dos pais, pois durante o ensino remoto as atividades eram orientadas pelas professoras através dos meios tecnológicos, porém eram desenvolvidas fora das orientações das professoras, com o auxílio dos pais, mas, uma boa parte dos pais são pessoas não alfabetizadas, o que dificulta na interação e desenvolvimento das mesmas. Fazendo uma ligação com a fala da professora Bromélia é possível compreender que o diagnóstico através dessa perspectiva é falho, por que como “cobrar” algo dos pais sendo que eles não possuem.

Mediante todos esses processos, ao serem questionadas sobre o que muda no processo de alfabetização do ensino presencial ao ensino remoto, Bromélia (2022) apontou que “Muda muita coisa. As estratégias e abordagens são diferentes. Por exemplo, no ensino presencial, os projetos literários, as sequências interdisciplinares, as oficinas de leitura e escrita são possíveis e indispensáveis no processo de alfabetização”. A professora ainda reforça que “o contato com livro, o tocar, o sentir, também faz parte do processo. Livros digitais, vídeos, não promovem esse contato com a literatura. E muitas crianças só têm acesso a isso, na escola. O ensino remoto, não propicia”. Para a professora Margarida o que muda é:

E esse distanciamento do professor e aluno, a relação do professor e aluno, o contato professor e aluno, as intervenções pedagógicas que são feitas diariamente dentro da sala de aula, com aquele aluno que apresenta dificuldade, então eu acredito que é isso que muda, porque o contato mesmo, o chão da sala de aula, a energia dos alunos é isso que muda, porque a gente ta cada um na sua telinha aonde é, teve alunos que a gente é, foi à primeira vez o contato e teve o contato infelizmente pelas redes sociais, pelas telinhas onde a gente teve a presença de conhecer a relação de professor e aluno, afetividade, então isso tudo não tem no ensino remoto, isso tudo vai ter no ensino presencial, essa percepção tudo isso que já foi mencionado.(Margarida, 2022).

A alfabetização é um caso bem específico, mesmo com a pandemia tendo atingido todos os estudantes sem diferenciação, no caso dessa etapa em questão, para que a criança se alfabetize, ela necessita que alguém a ensine, que o acompanhe, oriente, questione, desafie, além do que a mediação do professor envolve uma relação mais próxima com a criança, de ajudar no momento de escrita de alguma coisa, realização de leituras de palavras, pequenos textos, ouvir a criança sobre o que ela entendeu sobre uma história que foi contada, entre outras condutas que o contato direto possibilita. A presença do mediador é essencial na alfabetização.

O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modos de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. (LIBANEO, 2006, p. 92).

Entretanto, nesse processo tanto o aluno quanto o professor sofreram com os impactos para se adaptar aos mecanismos dispostos para o ensino que acarretava na ação dos mesmos, pois muitos alunos não possuíam suporte suficiente para obter uma aprendizagem satisfatória, seja ela, por falta de aparelhos tecnológicos, internet, ou até mesmo a dificuldade em não poder ter a mediação dos pais devidos sua baixa escolaridade.

Já os professores além de mudar totalmente suas rotinas, adequar os planos pedagógicos para atender ao momento pandêmico, “os professores, se desdobraram para conseguir o acesso ao computador / celular / tablet virou uma ferramenta de trabalho indispensável na pandemia. E

acredito que hoje seja a causa do desgaste mental de muitos profissionais”. Ressaltando ainda que “Sem contar, com a exaustão e desânimo que é para o professor que está vivenciando essa realidade. Conviver com uma máquina ao invés de pessoas, é desmotivador!” (Bromélia, 2022).

Em suma, o processo de alfabetização perante o cenário de pandemia no qual foi administrado por meios tecnológicos nomeado como ensino remoto, sendo uma forma de continuação do ensino presencial, evidencia um ensino desigual no que se remete ao acesso dos protagonistas deste ensino. Assim como as dificuldades dos(as) docentes em contemplar seus alunos(as) com a continuação dos processos de alfabetização.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período da pesquisa algumas dificuldades foram surgindo, devido ao curto período em que tinha para concluir a mesma, em razão de optar pela mudança de tema com o prazo bem pequeno para finalizar, tendo mais ou menos cinco meses para produzir esta pesquisa. O atual período em que estávamos vivendo também trouxe algumas dificuldades para o desenvolvimento da mesma, sendo que a pesquisa trata de um tema totalmente “inédito” algo não visto até início do ano de 2020 quando o Brasil começa a sentir os impactos da pandemia já vivenciada em outros países desde o final do ano de 2019. No que se refere a revisão de literatura, obtinha-se muitos dados relacionados à proliferação da covid-19, e das medidas adotadas, mas, poucas coisas relacionadas às estratégias de ensino durante o período remoto.

Frente a tais dificuldades foi desenvolvido um levantamento de dados e um contexto histórico sobre a pandemia da covid-19, analisando de um contexto internacional, a chegada ao Brasil, Bahia e cidade na qual a pesquisa foi desenvolvida, Amargosa-BA, Cidade Jardim, para só assim compreender o contexto das mudanças no ensino e aprendizagem das crianças. Obtendo êxito na questão problema, assim como nos objetivos desta pesquisa, sendo contemplada não apenas a partir da análise de literatura, sites oficiais nos quais foi necessário recorrer para obter dados sobre a pandemia, mas, a entrevista realizada com duas professoras alfabetizadoras do Município de Amargosa-BA que foram fundamentais para alcançar os objetivos.

A pesquisa apresenta vários vieses, sendo eles a mudança drástica do ensino presencial com um espaço físico, uma acomodação desenvolvida e voltada para aquele tipo de ensino, sendo de acesso a todos para um ensino remoto que ocasiona uma estranheza, faz com que todos saiam do “comodismo”, mas, também evidencia a desigualdade social que está imposta em nossa sociedade, entretanto é mascarada a todo momento.

A pesquisa sinaliza também que a educação é algo garantido pela Constituição Federal de 1988, sendo um direito de todos e um dever do Estado e da família promover, entretanto o que percebemos no decorrer da pesquisa é que o ensino no período da pandemia foi disponibilizado para “todos”, sendo feito de duas formas, a mediação entre aluno e professor através de aparelhos tecnológicos por meios de plataformas online e atividades impressas onde os pais retirariam nas escolas para serem desenvolvidas em suas casas, tais atividades impressas eram ofertadas diretamente para os alunos que não possuíam acesso as plataformas online, e isso nos leva a perceber que o Estado está promovendo o ensino e assim exercendo seu dever, no entanto esta prática no período atual traz uma exclusão para a sua grande maioria de alunos da escola pública que são filhos da classe trabalhadora, com um poder aquisitivo menor que o da burguesia. O Estado disponibiliza o ensino, porém, nem todos possuem condições de participar,

ou seja, não consegue contemplar a todos, sendo totalmente o inverso do ensino presencial que a escola é um espaço que está acessível a todos.

Ao que se refere à docência é possível compreender que não se faz educação sem a presença desses “personagens”, mesmo em meio ao momento tão difícil no qual todos sem exceção enfrentaram e ainda enfrentam pensado no sentido de que a pandemia ainda não acabou e está longe de ter um fim, tiveram que se “adaptar”, refazer todos os seus planejamentos, se atualizar para o melhor manuseio das suas novas ferramentas de trabalho, transformaram suas casas em sala de aula, elaboraram tarefas diferentes para conseguir suprir as necessidades das crianças, sem contar ao ensino multisseriado em que a professora necessita de um trabalho redobrado, pois o contexto e o formato de ensino são totalmente diferentes do ensino “regular”, pois o ensino em uma classe multisseriada é voltado para uma escola do campo, sendo compostas em uma única sala de aula e ao mesmo horário, crianças em diferentes níveis de alfabetização e ter um êxito no ensino presencial já é complexo, torna-se importante discutir tal feito, no ensino remoto através das telas dos celulares, com o horário reduzido.

O ensino remoto se deu com o intuito de minimizar os impactos da pandemia na educação, pois conforme a Covid-19 ganhava uma proporção maior nos casos, as medidas iam sendo adotadas, sendo uma delas cruciais para a educação que foi o isolamento social, que acometeu no fechamento das escolas, tendo assim o ensino remoto como o único mecanismo possível para obter a continuação do ensino, porém penso que este mecanismo não conseguiu suprir as necessidades de todos, tendo assim um êxito parcial ao que correspondem os impactos.

Ao retornar aos objetivos geral e os específicos desta pesquisa, foram satisfatórios, assim como a obtenção do êxito para os mesmos, e respondendo o meu terceiro objetivo específico, penso que a vida é feita de ciclos e que em cada um deles precisaremos nos adaptarmos e nos reinventarmos para não sermos “engolidos”, pois por trás de toda ação possuem uma intenção, a Covid-19 foi algo que ninguém esperava, porém todas as medidas adotadas foram intencionais, o ensino remoto foi intencional, e infelizmente tais resultados positivos e negativos estarão voltados apenas e especificamente ao vírus, porém a ação é do homem. Não vejo como o ensino remoto irá corroborar com a volta do ensino presencial considerando que tal medida não conseguiu suprir as necessidades de todos. Vejo que o método adotado foi fundamental para o momento em questão, mas para o ensino presencial vejo tal método como um complemento para fora do horário de aula presencial. Este trabalho não se dar por acabado, mas sim como uma forma inicial de compreender a alfabetização para além do ensino presencial.

Por fim, finalizo não a pesquisa porque penso que esta pesquisa é apenas uma semente em um cenário que se estabelece no nosso dia a dia, que possui fragilidades e lacunas não apenas

neste cenário específico, mas, sim em todo o cenário da Educação. Dessa forma concluo este pensamento inicial perante um contexto que representa as duas realidades na qual estou exposta, a Educação e a Saúde, que são âmbitos diferentes, mas, que perante a pandemia ambas sofreram drasticamente, fazendo com que as rotinas de cada indivíduo fossem moldadas.

Algo que era relacionada diretamente a saúde afetou o âmbito da educação. Durante esse período pandêmico ambas andaram lado a lado, para seguir da melhor forma possível, e percebo que ambas são fundamentais para dar seguimento ao desenvolvimento do indivíduo, pois no âmbito da saúde estou cuidando dos enfermos, que necessitam da minha ação para propagar alguma melhora, na educação a minha ação, assim como de todos os professores (as) influenciam diretamente na construção da identidade do indivíduo, de quem eles irão ser através do contato com o conhecimento. Enfatizo ainda que todas as profissões são importantes e fundamentais para o desenvolvimento do país, entretanto o fazer docente é algo fundamental e indispensável para a formação do indivíduo, na perspectiva individual e coletiva. Professor (a) é “formador” de todas as demais profissões, uma concepção ampla, complexa, mas, essencial para todos.

REFERÊNCIAS

ABALF, Associação Brasileira de Alfabetização. Posicionamento da ABALf sobre a reposição de aulas remotas na Educação Básica. Ofício nº 16/99 – GOE – APLO, 2020. Disponível em: <<https://www.abalf.org.br/posicionamentos>> Acesso em: 18 de Fev. de 2022.

BRASIL, **Histórico da Pandemia de COVID19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: Nov. de 2021.

BRASIL, **DECRETO Nº 19.529 DE 16 DE MARÇO DE 2020**, Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do corona vírus. Disponível em: <<http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19529-de-16-de-marco-de-2020>>

BRASIL, **LEI Nº 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020**, disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>>

BRASIL, **rastreamento de contatos no contexto da COVID-19**, orientação provisória, 10 de maio de 2020. Disponível em: <<https://iris.paho.org>>handle> Acesso em 26 de Nov. de 2021.

BRASIL, Bahia confirma primeiro caso importado do Novo Coronavírus (Covid-19). Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/06/bahia-confirma-primeiro-caso-importado-do-novo-coronavirus-covid-19/>>. Acesso em: 30 de Jan. de 2022.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.). Porto Alegre: Penso, 2015, p. 47-65.

BRITO, M. S.A Singularidade Pedagógica do Ensino Híbrido. EaD em Foco, V10, e948. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1948>>

BARBOSA, I. U; GONÇALVES, A. P. da S. **A importância da alfabetização em tempos de pandemia.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.8, p. 84047-84057 aug. 2021.

BASTOS, J. M. C. **Alfabetização e letramento desafios e possibilidades em tempos de pandemia.** Revista Educação Básica em Foco, v.2, n.4, 2021.

_____, **Primeiras vacinas contra a Covid-19 são aplicadas na Bahia**, Disponível em: <<http://www.portaldoservidor.ba.gov.br/noticias/2021-01-19/primeiras-vacinas-contracovid-19-sao-aplicadas-na-bahia>>. Acesso em 03 de Fev. de 2022.

_____, **Prefeitura de Amargosa desenvolve ações eficientes para combate da COVID-19 no município.** Disponível em: <<https://amargosa.ba.gov.br/prefeitura-de-amargosa-desenvolve-acoes-eficientes-para-combate-da-covid-19-no-municipio/>>. Acesso em 03 de Fev. de 2022.

_____, Inep divulga dados da 1ª etapa do Censo Escolar 2021, Anos finais do ensino fundamental e ensino médio têm aumento no número de matrículas, além de evolução na

educação em tempo integral. Disponível em: <<http://undime.org.br/noticia/01-02-2022-09-09-inep-divulga-dados-da-1-etapa-do-censo-escolar-2021>>. Acesso em 10 de Fev. de 2022.

_____, Plano Municipal de Educação / 2007-2017. Disponível em: <www.ba.diariooficialdosmunicipios.org/prefeitura/amargosa> acesso em 15 de Fev. de 2022.

CÂMARA, R. H. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Brasília, Brasil. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez, 2013, 179-191.

COLLELO, S.M.G. **Alfabetização em tempos de pandemia**. Conventit Internacional 35. Cemoroc-Feusp. São Paulo. jan-abr 2021.

Chloé Pinheiro, Grande estudo mostra como o coronavírus chegou e se espalhou pelo Brasil. Atualizado em 23 fev 2021, 18h15 - Publicado em 3 ago 2020, 19h23. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>>

FERREIRA, L.C; FERREIRA, L.C; ZEN, G.C. **Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista, v. 12, n. 2. jul./dez. 2020.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio, **Pandemia, Mercantilização da Educação e Resistências Populares**, Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v.13, n.1, p.636-652, abr. 2021.

FRAZER, M. T. & Gondim, S. M. G. (2004). **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**, Paidéia, 14(28), 139-152.

FERRAZ, R.,D; FERREIRA, L, C. **Estágio Supervisionado no Contexto do Ensino Remoto Emergencial: Entre a expectativa e a resignificação**. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 4, p.1-28,abr./jun.2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.2.ed.SP:Atlas,1991.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. SP:Atlas,1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6º edição, São Paulo, Editora ATLAS S.A - 2008. Disponível em: <[HTTPS://ayanrafael.filles.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-ma3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.PDF](https://ayanrafael.filles.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-ma3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.PDF)>.

LIMA, E. J. da F., ALMEIDA, A. M., KFOURI, R. de Á. **Vacinas para COVID-19 - o estado da arte**, Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 21 (Supl. 1): S21-S27, fev., 2021.

LIMA, Vanda Moreira Machado. **A complexidade da Docência nos anos iniciais na Escola Pública**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, SP, v. 22, n. 23, p. 148-166, maio/ago. 2012.

Lúcia Dellagnelo: a educação básica antes, durante e depois da pandemia. **Desafios da Educação**, 2020. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/lucia-dellagnelo-educacao-basica/>> Acesso em: 15 de Fev. de 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, JoãoFerreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?** In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (orgs.). Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006. p. 70-125.

LIBÂNEO, J. C. PRÁTICAS DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA ESCOLA: OBJETIVOS E FORMAS DE FUNCIONAMENTO A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM DE PROFESSORES E ALUNOS (*).Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/11022015_jose_carlos_libaneo_i.pdf> acesso em 21 de Fev. de 2022.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete ensino presencial. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/ensino-presencial/>>. Acesso em 19 fev 2022.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J, eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <<https://doi.org/10.7476/9786557080320>>.

MAINARDES, J. **Alfabetização em Tempos de Pandemia**. Políticas e práticas de alfabetização [livro eletrônico]: perspectivas autorais e contextuais. Rio de Janeiro. Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro. VW Editora, 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete ensino presencial. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/ensino-presencial/>>. Acesso em 20 fev 2022.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (Orgs.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p.27-45

MACDONALD, J. Blendedlearningand online tutoring: planninglearnersupportandactivity design, 2nd ed. Aldershot, UK: GowerPublishingCompany, 2018

NAOE, A. Analfabetismo no Brasil evidencia desigualdades sociais históricas. **ComCiência**, nº 135. Campinas. 2012. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151976542012000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 17 de Fev. de 2022.

OLIVEIRA, M.B. et al. **O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19**. BrazilianJournalofDevelopment, Curitiba, v.7, n.1, p. 918-932 jan. 2021. DOI:10.34117/bjdv7n1-061

ROSA, R. T. N. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus-o COVID-19!**. Rev. Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil Volume VI, Número 1, Julho 2020. ISSN 2594-7672. Disponível em: Acesso em: Nov. de 2021.

RUSSO, M. de F. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo: Saraiva, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? **Futura**. 2020. Disponível em: <[Quais os desafios da alfabetização e o letramento durante a pandemia? \(futura.org.br\)](http://futura.org.br)> Acesso em: 16 de Fev. de 2022.

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**. Letramento, um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 1998.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva, **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo, Atlas, 1987.

8,7 milhões de alunos não tiveram acesso a aulas remotas na pandemia. **Exame**. ,2020. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/87-milhoes-de-alunos-nao-teve-acesso-a-aulas-remotas-na-pandemia/>> Acesso em: 15 de Fev. de 2022.

APENDICE:

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Bloco I: (Professores)
Nome:
Formação:
Tempo exercido da profissão:
Há quanto tempo está na instituição:
Possui outro vínculo? Qual?
Como você visualiza a docência?
Durante o tempo em que você está atuando na educação já se deparou com alguma situação semelhante a que estamos vivendo decorrente da COVID-19?
Você teve ou alguém da sua família teve COVID? Como você lida com a situação?
Como era ministrar aulas antes da pandemia? E como foi durante a pandemia? Quantos alunos na turma existiam durante as aulas presenciais? Todos permanecem?
Diante do cenário que se estabeleceu no mundo inteiro decorrente da COVID-19, o campo da educação sofreu mudanças bem complexas para que os alunos não ficassem sem o ensino, qual a sua concepção em relação a essas mudanças?

Apêndice B:

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Tempos de Pandemia: Estratégias de Alfabetização utilizadas pela docência Durante o Ensino Remoto no Município de Amargosa-BA, de minha responsabilidade, Lucineia Silva de Arruda graduando(a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral analisar a docência no processo de alfabetização durante o ensino remoto no período pandêmico no município de Amargosa-ba, tendo como recorte as experiências dos(as) docentes nesse período. O(s) procedimento(s) adotado(s) ser(ão) através entrevista e análise de documentos.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, _____ de 2022.

Graduanda

Colaboradores Voluntários

NOME	ASSINATURA